

«O livro de Antônio José Dantas, *Memória Militante* é, indubitavelmente, uma viagem na História do Brasil e da própria vida do autor. Mergulha-se no passado, precisamente no tempo da implantação do Comunismo no Brasil até a perseguição da ditadura, que torturou milhares de pessoas no nosso país e no mundo.»

Prof. Wilson Osmar de Jesus

ISBN 978-85-7539-747-3



9 788575 397473

MEMÓRIA MILITANTE - ANTÔNIO JOSÉ DANTAS

MEMÓRIA MILITANTE

ANTÔNIO JOSÉ DANTAS



ideia

Aos caríssimos leitores, principalmente a nova geração, que esse livro seja uma singela contribuição da necessidade de homenagearmos os muitos que lutaram em prol do ideal da busca de criar uma sociedade mais igualitária e fraterna, esses não podem deixar de serem sempre lembrados, para que as futuras gerações vejam nessas pessoas que se dedicaram as causas do povo um valiosíssimo exemplo de vida.

Memória Militante

Memória Militante

Antônio José Dantas

Os textos são transcrições na íntegra,
mantendo a linguagem original.
Apenas fizemos uma rápida revisão para melhorar a concordância.

Ideia
João Pessoa
2012

Todos os direitos e responsabilidades sobre textos e imagens do autor.

Apoio

Vladimir Dantas, Tereza Emilia Brito Dantas,
Emanuel Brito, Mikaelle Tavares

Conselho consultivo editorial

Vladimir Dantas, Waldir Alves Dantas

Capa

Pedro Osmar

Editoração

Magno Nicolau

Revisão

Prof. Wilson Osmar de Jesus

D192m Dantas, Antônio José.
Memória militante / Antônio José Dantas. - João Pessoa: Ideia, 2012.

142 p.: il.

I. Literatura brasileira - memórias

CDU: 869.0



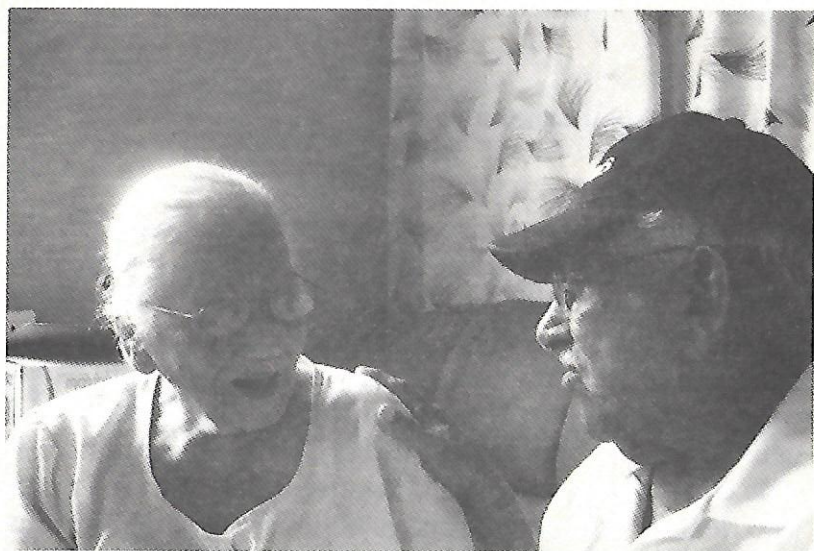
EDITORA

www.ideiaeditora.com.br

Feito o Depósito Legal
Impresso no Brasil

Nossas homenagens

Homem guerreiro, Antonio Dantas, um revolucionário guiado por grandes sentimentos de generosidade, de fé e de muita coragem, sinônimo de dedicação, perseverança, resistência e de amor ao próximo. Uma pessoa que acredita e nos faz acreditar que pode existir um mundo melhor. Um exemplo de vida e dedicação às causas mais nobres em favor dos oprimidos, que nos ensina com o seu exemplo a verdadeira lição de vida que é, não desistir nunca dos nossos sonhos. Símbolo de força, coragem e determinação, que mesmo diante de tantas dificuldades, nunca desistiu de lutar por seus princípios em busca de um mundo melhor para todos nós. Perseverar, persistir, continuar firme e constante em um sentimento, essa é sua grande marca. Pois, com sua história, nos mostra um legado de ensinamentos morais, de honra e de amor ao próximo, demonstrados muitas vezes com atitudes simples de ajuda aos necessitados e muitas vezes com atitudes de bravura e coragem em busca de uma sociedade mais justa para a humanidade. **De seus filhos Vladimir Ricardo Alves Dantas, Walter Oliveira Dantas, Waldir Alves Dantas e Tereza Alice Alves Dantas, netos e netas e bisnetas e bisneto.**



Nossas homenagens à minha irmã Rosa Dantas por tudo que fez para a nossa luta durante o golpe militar de 64. Substituiu Tereza, no lar, para que ela fosse em Busca da minha liberdade. Na foto Rosa Dantas e eu, irmã e irmão relembram as memórias militantes, durante as várias visitas feitas a ela, antes de seu falecimento neste ano.

Sumário

Prefácio, 9

Capítulo 1
Infância, Adolescência, Juventude, 11

Capítulo 2
Mudança Para Recife e o Casamento, 29

Capítulo 3
1949 - 29 Anos - Início da Militância Política, 37

Capítulo 4
As Duras Lutas Políticas entre 1940 e 1960
e as Prisões, 61

Capítulo 5
Movimentos Sindicais, 95

Capítulo 6
A Mudança de Recife para João Pessoa, 103

Capítulo 7
Viagem a Cuba e Golpe Militar de 1964, 109

Capítulo 8
Depoimentos, 135

PREFÁCIO

Antonio José Dantas, Memória Militante

O livro de Antonio José Dantas, Memória Militante é, indubitavelmente, uma viagem na História do Brasil e da própria vida do autor. Mergulha-se no passado, precisamente no tempo da implantação do Comunismo no Brasil até a perseguição da ditadura que torturou milhares de pessoas no nosso país.

Fantástico se torna penetrar nas entrelinhas e sentir na narrativa de como foi guerreiro o narrador, uma verdadeira Odisseia, que me fez lembrar a história da primeira narrativa ocidental de Ulisses, o Odisseu, na Guerra de Tróia.

A Memória Militante traz, em seu bojo, o microcosmo da autobiografia de "Seu Dantas", como prefere ser chamado. Um mundo de sofrimentos e alegrias na luta por uma sociedade com justiça, essa distribuída igualmente para todos aqueles que compõem a nação.

Lutar pelos mais fracos, pelos oprimidos, por aqueles que, às vezes, têm apenas tempo ao seu lado para deixar registrada a sua sofreguidão. Eis o ideário de Antonio Dantas, que resolveu abrir mão de toda uma vida comum para lutar ao lado dos que querem mudar

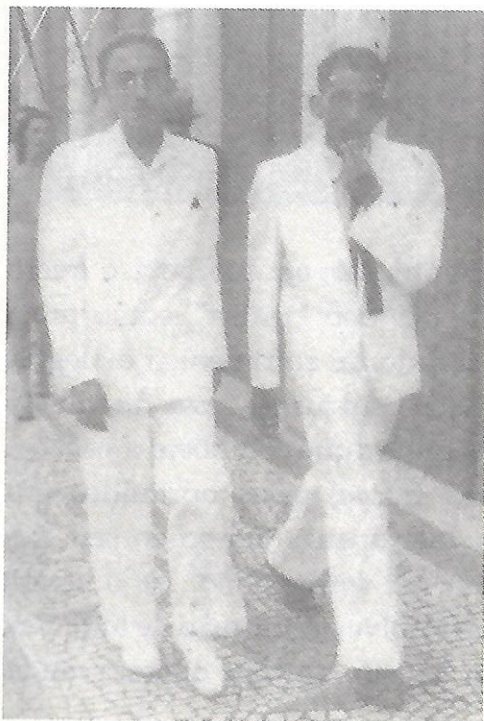


Dantas, na sede do Memorial das Ligas
em Sapé, Paraíba

o curso da História, combatendo injustiças, para ver no semblante do homem a paz social.

Enfim, a obra ensimesmada já é uma mistura do enredo da vida do escritor, sua genealogia, seus amores, seus trabalhos e profissões na vida militante no Partido Comunista, e os embates com os ditadores que tantas vezes o prendeu e o torturou, apenas por ser visionário e sonhador, buscando a igualdade e a dignidade da pessoa humana.

Prof. Wilson Osmar de Jesus



À direita, Antonio José Dantas, e à Esquerda, Manoel Dançarino. Calçada da Rua de Santa Rita. PB. Década de 40.

Capítulo 1

Infância, adolescência, juventude

Eu nasci em Sapé, no estado da Paraíba, a 45 km de João Pessoa, em 19 de novembro de 1920, está no registro. Vim receber a notícia de quem era filho quando eu tinha mais ou menos cinco anos de idade. O meu pai se chama Emanuel Dantas, e a minha mãe, Maria Barbosa do Nascimento. Ela é de descendência indígena, mas meu pai não conheci bem, na verdade nem houve casamento, minha mãe era uma cabocla e, naturalmente, chegou esse cidadão com quem teve vários filhos. Quando eu soube que havia nascido em Sapé, morava em um sítio que ficava em Jabuticaba, onde hoje é Itapororoca, era um sítio que morava muita gente.

A seguir, imagens de Sapé, município da Paraíba entre os anos de 1920 a 1930.



Trilhos (à direita) passam na rua junto às casas em Sapé, em 1922 (Revista Ilustração Brasileira, setembro de 1922).



A estação de Sapé por volta de 1950. Autor desconhecido, cessão Jônatas Rodrigues.



A estação de Sapé, foto sem data. Cessão Jônatas Rodrigues



Trem em Sapé, provavelmente em 1970. Seria a fotografia do último trem de passageiros passando por ali? A estação foi desativada nos anos 1990 e foi demolida em 2008.

Fonte das Imagens: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/sape.htm>

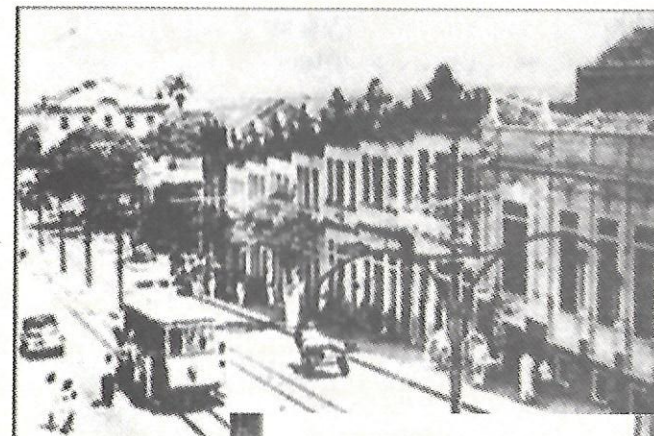
Fontes: Jônatas Rodrigues, 05/2006; Cyro Deocleciano R. Pessoa Jr.: Estudo Descritivo das Estradas de Ferro do Brasil, 1886; Ilustração Brasileira, 1922; Guia Geral das Estradas de Ferro do Brasil, 1960; Guias Levi, 1932-1984; Mapa - acervo R. M. Giesbrecht

Eu não sabia da origem do meu pai, de onde ele era, mas depois de um tempo a gente saiu desse sítio, eu e minha mãe voltamos para Sapé e lá, quando eu tinha de seis para sete anos, minha mãe faleceu. Adoeceu e morreu rápido. Teve sete filhos, todos com parteira e em casa. Lembro-me dessas parteiras, lembro-me bem, eu com cinco anos ainda mamava, esse tempo era bom, minha mãe tinha uns bois, umas cabras, dava para sustentar bem, mas tinha um padrinho que era um cara rico, tinha umas fazendas. Separou dez vacas de leite para dar aos afilhados. Como um dos afilhados, ele mandava, todo dia, uma vasilha cheia de leite.

Quando minha mãe faleceu, meu pai apareceu e nos levou para onde ele morava, na cidade do Espírito Santo - PB, vizinho a Santa Rita. Eu devia estar com uns dez anos, era pequeno ainda, aí a gente se mudou para Espírito Santo, onde ele tinha outra mulher, com outros filhos grandes também. Isso demorou pouco, éramos quatro: eu, meu irmão José, minhas duas irmãs, Rosa e Joana Batista. Ele tinha outros filhos e a gente não se deu bem com eles, então não teve jeito de unir as famílias. Começaram umas briguinhas entre meus irmãos e os outros filhos dele, então ele arrumou outra casa, perto, em outra propriedade, que também era da família Massa, uma distância mais ou menos de 2 ou 3 km. Ficou nos dando assistência, começamos a conhecer e se acostumar. Fomos crescendo, minhas 3 irmãs eram do outro matrimônio, desta mulher com o meu pai, uma delas tinha o apelido de Loira, quer dizer, não me lembro bem, mas o mais interessante é que depois tomamos destino, porque a gente morava separado, meu irmão foi crescendo, foi tudo crescendo, as minhas irmãs, filhas da outra mulher, lembro-me que eram três, uma viveu mais, era até a mãe de Alípio. Alípio, meu sobrinho, era filho da minha irmã Afarícia.

Eu e meus irmãos começamos a trabalhar, e as irmãs acabaram se prostituindo, todas três, até uma dessas irmãs arrumou um coronel que é o pai de Alípio. Eu comecei a trabalhar na zona rural, na plantação de cana-de-açúcar, semeando cana, um trabalho mais leve, mas trabalhando. Comecei aos 6 ou 7 anos de idade. Semeava a terra com cana, levava a cana no burro para jogar na es-

teira, no engenho Sabueiro. Também em Espírito Santo, no engenho Sabueiro, tem até uma história de um homem que se chamava Moacir, foi essa família que prostитуuiu minhas irmãs e, quando eu estava trabalhando neste engenho, o feitor, um cara grande que tomava conta de lá, disse bem assim: "você é um menino tão inteligente, e com esse trabalho aqui. Pode deixar que eu vou arrumar um trabalho para você, você vai para a casa do senador."



A cidade de João Pessoa foi fundada em 1585, possui um enorme legado de edificações e ruas históricas que vão desde o período colonial até a atualidade.



Fonte: <http://geografiaaplicada.blogspot.com.br/2010/07/representacao-iconografica-em-joao.html>

Fui trabalhar no Engenho Sabueiro aos seis/sete anos de idade (1926), de propriedade de João Raposo, onde morei com outras crianças e adultos no Barracão que tinha como administrador Antonio Padeiro, e próximo do engenho havia terras que eram do Senador Dr. Massa, casado com Dona Nazinha, que por sua vez era filha de dona Filomena, senhora de escravos que, no ano de 1930, estive no Engenho Sabueiro e me conheceu. Ainda Criança, me levou para morar com eles, para poder estudar e ajudar na casa. Assim aconteceu. após cinco anos na casa do Senador, conheci o proprietário da Padaria Paulista, no Ponto de Cem Réis, no centro de João Pessoa (1935), onde trabalhei por cinco meses, e no mesmo ano saí e fui trabalhar na Padaria Santo Antonio, no Bairro de Jaguaribe. Aos Dezesete anos fui convidado por um representante para trabalhar como vendedor de Livros de Romance (1937). Em seguida, tive que ir para o serviço militar, no Tiro de Guerra 270, em Santa Rita. Alistando-me, passei nos exercícios, mas faltei uma prova por problemas gastrointestinais, sendo dispensado do serviço militar. Portanto, em 1939, retornei ao mundo dos negócios, vendendo livros como representante na cidade de Campina Grande-PB.

O Senador Antonio Massa, já aposentado, era casado com a filha da senhora do escravo que era dona de outro engenho, do outro lado da lagoa do Puxinana. Ela era viúva, então estava tomando conta do engenho. Eu conheço esse povo todo, senhora do escravo, o senador e sua esposa. O meu trabalho só era fazer o que ele mandava, isso já era em João Pessoa, lembro, era na

rua General Osório N° 63, eram duas casas. Depois, ele se mudou para outra casa. Meu trabalho só era pegar o jornal dele, eu aprendi a ler justamente com esse contato com jornais, comprava sempre para ele e me habituei, aí comecei a ler, fazer o que ele mandava, acompanhá-lo, era isso.

Nesta época, ele devia ter uns 80 anos, mas era um homem lúcido. Tinha o costume de jogar, ele gostava de gamão, ficava até de madrugada jogando, vinha um pessoal amigo dele, eu me lembro de todas as pessoas importantes que foram lá, José Lins do Rego, um chefe de polícia, as autoridades, aqueles amigos Vips iam todos para lá. A mulher do senador gostava de jogar no jogo do bicho nesta época, aí ela dizia para mim: "quando você achar dinheiro, você me dá", porque às vezes eu achava dinheiro em cima da estante, o cofre aberto, mas eu fechava o cofre, tinha vez que eu ia dez a quinze vezes de manhã, ela me mandando jogar no jogo do bicho.

Eu suponho que tenha passado uns seis anos, porque eu cheguei pequeno e já saí rapazinho. Em todas as férias colegiais íamos para uma casa na Praia Formosa. Era perto, tinha uma igreja, eu já era batizado, mas não era crismado, então o filho dele, Rui Massa, me crismou. Depois de crismado comecei a frequentar o catecismo.

Nessa mesma época do crisma, quando eu estava mais ou menos com doze anos, o Bispo morreu e eu fui olhá-lo, e passei bem um mês com medo, eu via só a imagem dele à noite. Eu não sei se tinha medo do Bispo porque tem esse negócio de alma mal assombrada. Eu vi o Bispo morto no caixão e tinha pesadelo.

Eu só passei, acho que, mais ou menos, uns três meses na escola, isso porque eu ia para o catecismo e lá era misturado. Tinha um colega do catecismo que era um cara forte, ele devia ter um ano a mais do que eu, e acho que por causa de uma garota que sempre estava ao meu lado, ela gostava de estar junto comigo e esse cabra, enciumado, um dia no catecismo, ele me atacou, me deu uma surra, eu voltei para casa agoniado, todo arrebatado, arrumei um pau, uma régua grande e voltei imediatamente. Eu cheguei, fui encontrar com ele e dei-lhe uma surra, o deixei todo ensanguentado, ninguém ficou com ela.

No outro dia fui para a escola. Tinha uma professorinha nova, eu ficava na frente dela, na terceira cadeira. Ficava olhando para ela, às vezes eu levava uma flor. Quando começou a aula, chegaram três soldados perguntando: "quem é o fulano de tal"? A professora olhou para mim, assim, não deu tempo nem de perguntar, quando vi os soldados, meti o pé, pulei a janela, fui para casa. Quando cheguei, todo assustado, contei para o Senador. O chefe de polícia era amigo dele e eu com 12 anos, a polícia foi me prender. O Senador agiu, ele me apoiou, falou com o soldado que fosse embora e disse "eu quero o seu nome para o secretário mandar lhe prender." E foi por isso que eu não voltei mais à escola, não por medo, é porque eu não voltei mais mesmo.

Justamente porque eu sempre tive a curiosidade de ver os livros, jornais, ninguém me ensinou, trabalhei, eu administrei um barracão de um engenho. Na padaria, teve um rapaz que me ensinou a ler, era o Zé Cacheiro

(caixeiro) era na padaria mesmo, depois que fechava a padaria, lá nos fundos, em cima dos sacos de farinha, o dono não reclamava. O Zé Cacheiro era o gerente. A tabuada eu sabia, escrever eu aprendi depois que eu estava vendendo livro. Eu já estava com quinze a dezesseis anos de idade. Quando eu estava na Padaria Paulista, apareceu um anúncio e o rapaz me disse: "tem um trabalho bom para você". Era para trabalhar como representante de uma editora de livros. Quando lançavam uma obra nova, eu pegava os fascículos para distribuir na rua, a maior parte era história da Revolução Russa, era história mesmo, da política, Santa Inquisição. A esposa do governador era uma cliente importante, era a Dona Berenice.

Eu recebia por comissão. O representante dessa editora era paraense. Um detalhe interessante, com dois ou três meses a empresa mandou ele ir para Fortaleza e Salvador, e nessa fase eu estava trabalhando, eu almoçava na casa dele; quando tava na padaria, comia lá, esse representante era Paraense e a esposa, amazonense. Então, ele trouxe um irmão também, o irmão dele gostava de beber, aí quando já fazia uns dois meses que eu trabalhava, ele foi para Salvador, ele me chamou para...Ele disse "olha, meu irmão é meio irresponsável e você é um garoto que eu estou confiando, e gostaria que você viesse para cá, para dormir, atrás da casa tem um quarto". O outro rapaz, irmão dele, chegava tarde, porque bebia e eu fiquei quatro dias lá. A mulher dele era espírita, frequentava um centro espírita, ele pediu para eu acompanhar a esposa.

Eu saí da casa do Senador Antônio Massa, saí para ir à casa da minha irmã em Santa Rita, comecei a trabalhar justamente nessa fase. Trabalhei em fábrica de tecido, em acabamento. Eu deixei um pouco os livros para trabalhar na fábrica de tecidos. Quando o patrão foi embora, me deixou com um representante em Campina Grande, eu estava com dezesseis anos mais ou menos. Morei em Campina Grande uns três anos. Antes de ir para Campina Grande, passei uma temporada ainda em Santa Rita. Conheci um cidadão que se chamava Antônio, tinha até um apelido, ele administrava um engenho no município de Santa Rita e me chamou para tomar conta. Sempre na saída dele era eu quem mandava. Tinha um barracão e foi bom porque lidei com negócio de dinheiro. Fiquei nesse trabalho uma porção de tempo, morava vizinho à casa da minha irmã.

Eu tomava conta do barracão, despachava o pessoal, essa coisa toda, de vender cachaça, rapadura, carne e bacalhau. Não tinha feijão e milho porque o pessoal não plantava. Tinha farinha, aquelas bolachas feitas lá, bolacha diferente da padaria, salame, sempre tinha, comida de barracão, comida de pobre, aquele querosene, a cachaça; o bacalhau e a carne de charque eram indispensáveis. Não tinha sela, nem arreio para cavalo.

Antonio Padeiro tinha uma burra que era a maior, ele tinha a maior ciumenta, porque era muita bonita, tinha um cavalo também, o cavalo se chamava Barra Branca, eu me esqueço do nome da burra, ele ia sempre com ela para cidade na sexta-feira e devia ter uma namorada. Ele me entregava o barracão, tinha um filho chamado

André, mas esse lhe deu muito trabalho. Os trabalhadores do engenho compravam com um vale, caderneta. Eu tomava conta e colocava no papel para eles.

Vendia para o pessoal que trabalhava. O crédito, o direito de comprar, o limite era o salário. Eu já tinha 17 anos. Ia a pé da cidade de Santa Rita, para lá, uns 5 km, atravessava o rio, dormia lá. No tempo da safra eu ficava só até sábado, no domingo eu vinha para casa. Quando ele vinha para cidade atrás da namorada que devia ter, ia na sexta-feira e só voltava no sábado ou domingo. Ele tinha a maior ciumenta era do cavalo e da burra, e mandava o rapaz, que trabalhava cuidando da cocheira, selar o cavalo e vinha para cidade de noite para ver as namoradas. Os clientes do barracão eram limitados, podiam ser assim, uns dez ou doze. Agora, no tempo de safra era mais gente, gente de fora, vinha gente até do Recife.

Com 14 anos em João Pessoa, tive a minha primeira mulher. Eu me lembro. Eu gostava muito dela, quando eu estava na Padaria Paulista, que era perto da zona, na Rua Silva Jardim, ali era uma zona a noite todinha, e eu gostava da mulher demais, ela era nova, tinha uns 16 anos, levava presentinho para ela, bolo para tomar café de manhã, ela morava em uma pensão. Quando foi um dia, cedinho, eu já terminava de botar para vender o pão, começava muito cedo e lá vendia até o pão dormido, o pessoal comprava. O pão sempre era muito bom, farinha importada da Argentina, a padaria recebia muita farinha porque fornecia pão para as comunidades militares, para os quartéis, ela tinha muita gente, muita mulher, mas essa mulher eu conheci na zona mesmo, no café. O que

foi interessante é que depois de pouco tempo eu estava apaixonado pela menina. Saí um dia e levei bolo para tomar café com ela, e quando chego lá, cedo, a dona da pensão disse: “não dê muita confiança a essa mulher... ela tá aí com um macho, um soldado”... Deixei o bolo com a mulher. Eu ainda vi o soldado sair... Ela ainda foi atrás de mim na padaria, mas eu não quis mais nada. Depois dessa fase fui para o engenho.

A filha do padeiro era uma moça de colégio. Quando eu a estava beijando no sofá, a dona mãezinha viu e disse: “se o seu Antônio souber disso ele vai lhe enforçar”. Ela vinha toda feita, eu gostava dela. Agora, outra coisa interessante é que nesse tempo que eu morava na Rua Coronel Domiciano, essa rua, saí na feira onde minha irmã tinha uma casa. Acho que eu trabalhei no barracão menos de uma safra toda, e justamente nessa, teve uma fase importante ali, foi nessa altura que eu encontrei Tereza, eu já tinha uns 16 anos. Quando conheci o finado lôio, pai da Tereza, ele morava perto da minha irmã, tudo assim pertinho. Nesse tempo, a esposa dele ainda era viva. Eu era garoto e Tereza devia ter uns 12 anos. Tereza quando me conheceu, só queria estar junto de mim.

Aproximadamente aos vinte anos de idade comecei a vender livros e a viajar para Campina Grande. No início, eu trazia umas quantidades de propaganda, fazia o trabalho e depois pelo que fosse vendido eu levava, viajando de trem de Campina para João Pessoa. Era meio demorado porque parava muito. Em Campina Grande fiz muita amizade. Meu trabalho nos livros:

eu recebia os fascículos, pegava um garoto, mandava ele distribuir de casa em casa. Eu tomava nota de tudo e depois ia fazer a assinatura. De acordo com as assinaturas, eu já estava com o estoque para vender. Quando eu cheguei em Esperança, acho que a cidade ia fazer o centenário. Ia ter uma festa religiosa e lá encontrei um vendedor de imagem. Quando o encontrei, ele me disse que veio para o centenário, mas não vendeu nada. Eu disse que ia ajudá-lo. Fui com ele e quando terminamos, vendemos todas as imagens. De tempo em tempo, de mês em mês, eu ficava na casa da minha irmã em Santa Rita. Não encontrava Tereza, mas eu tentei até procurar o Seu lôio. Nessa fase morreu a esposa dele. Ficou viúvo e mudou para outra casa, perto do mercado.

Foram muitas histórias: tinha uma rua perto do cemitério e ali havia uma mulher chamada Maria Lindolfa que botou um prostíbulo. Só quando ela cresceu mais, eu a encontrei. Depois que eu saí de Campina, acho que já estava com 20 anos de idade ou mais. Fiquei uns 3 ou 4 anos. Vou dizer até uma data histórica: a Segunda Guerra Mundial, década de 1940, nessa época eu morava no hotel 7 de Setembro, e foi nesse hotel, no quarto em que eu estava, era uma suíte, tinha tudo, me lembro como se fosse hoje, o gerente do hotel pediu para eu me arrumar em um quatinho pequeno, provisoriamente, enquanto alojavam sessenta a setenta soldados que vieram do Rio Grande do Sul. No hotel se hospedou muita gente e dava uma confusão danada. A editora lançou uns livros de cartomante, o gerente do hotel pediu que cedesse o quarto por duas noites. Nessa altura eu trabalhava nos livros

e lá eu fiz muita amizade. Eu me lembro como se fosse hoje, uma portuguesa, esposa do homem mais rico de Campina Grande, tinha um negócio, eu me recordo da firma, Ramos e Cia., mas não me lembro do nome dela. Lembro-me do nome da mulher do prefeito da época, ela se chamava Lourdes e foi outro problema, porque essa mulher também era cliente do "Romance". Essa mulher tinha uma irmã que era viúva, minha freguesa, eu só a conhecia de nome. Quando foi um dia, fui receber o dinheiro e encontrei essa mulher. Ela foi miss Paraíba, era bonita. Chegou para mim e disse: "essa moça tão bonita é minha irmã", e me apresentou. Fiquei conhecendo a mulher. Foi um problema! Eu morava nesse hotel e ela mandava a empregada ir lá, que por sinal era minha lavadeira. Uma vez me mandou um bilhete dizendo que queria falar comigo e disse mais: «o meu marido não está em casa. Ele viajou para o Rio de Janeiro». Houve um romance. Essas coisas que acontecem. Mas isso não durou não, porque eu caí fora. Fiquei com medo do esposo dela. Só alguns encontros na sua casa. Uma vez eu fui lá e o problema piorou, pois eu fiquei com ela e terminei não tendo relações, "brochei". Eu fui no dia seguinte no médico, só foi uma vez. Eu fiquei com vergonha da mulher e fui para ver se eu estava doente. Eu não a procurei mais, e ela não mandava recado. O médico disse que foi questão psicológica. A mulher do prefeito, Lourdes, essa mulher do português, era quem mandava as damas de companhia. Teve uma cena interessante: essa mulher do português tinha uma dama de companhia que sempre ia lá me convidar para ir para o hotel... A mulher desceu

do trem e saiu com a dama de companhia para uma sala. Quando eu desci e olhei, ela estava se abraçando, se despedindo muito amavelmente com um crioulo, um cara muito forte. Eu pensei: como é que um homem desses pode ser amante dessa mulher? Moral da história: o cara era delegado. Depois essa mulher mandou me chamar e eu não fui mais... Eu soube depois que essa mulher fugiu com um avião. E é nessa fase que eu me mudei de Campina. Deixei a representação e fui para Recife.

Eu consegui uma namorada pertinho de uma pensão onde morava um monte de gente. Inclusive a filha de um fazendeiro. Só sei que esse cidadão era meu conhecido, eu ia sempre lá, ficava conversando com a menina, de frente tinha uma pensão com muitos rapazes. Um dia ela resolveu acabar, eu fiquei preocupado, perguntei o que houve. Depois a própria mãe dela me disse: o rapaz que morava na pensão de frente falou com a mãe. Foram uns três meses de namoro. A mãe dela era uma mulher bonita, uma galega. O rapaz fez um ninho de cobra maior do mundo contra mim. Ele disse que eu era um forasteiro. Eu disse: diga a ele que eu vou encontrar com ele. Quando foi um dia, encontrei esse cara na Praça da Bandeira e disse: vou lhe dar uma surra de cinturão! Mas o pessoal logo separou, e eu disse: eu encontro você de novo. Depois eu namorei a prima dela. Ela era mais modesta, filha de um talhador de carne. Comecei o namoro lá na casa dela, com a autorização da mãe. Num belo dia, a mãe dela me procurou e disse que queria que eu me afastasse, «meu marido não pode nem lhe ver! Ele vai até dar uma surra na menina e vai mandar ela para o ser-

tão». Eu disse: diga a seu esposo que eu vou à casa da senhora tal dia para falar com esse cidadão. Ela respondeu: «não vá, pelo amor de Deus, que o homem é ignorante». Eu comentei: não é possível que ele não tenha civilização para ouvir a minha história, eu não sou um marginal. Eu fui mesmo, eram umas 8 ou 9 horas da noite, bati na casa e saiu a mulher. Ela não queria me deixar entrar, mas eu entrei e fiquei esperando. Daqui a pouco o homem chega feito uma fera e disse: “como é que o senhor entra na minha casa”? Eu pedi à sua esposa porque eu não sou selvagem. Quero conversar com o senhor e saber por que não quer que eu namore com a sua filha. Ele disse: «eu não quero lhe ouvir», e me botou para fora de casa. Depois eu encontrei com essa menina na rua e ela já estava namorando um marinheiro. Ficou minha amiga e me contou que a mãe deixou o marido. Ela não aguentou.

Outros fatos, ainda em Campina, me vêm à memória: eu me mudei do 7 de Setembro, da pensão. Lá só tinha sargento e as esposas deles moravam nesse hotel. Quando foi um dia, estava um cidadão chamado Luís Aranha, era o mais rico. Encontrei esse camarada lá no hotel. Ele se hospedou lá e esse cidadão me chamava para passear na zona. Nesse tempo, em Campina, era cheio de jogo. A cidade era muito movimentada. Ele me dava umas fichas para jogar e fiz uma amizade com esse homem. Ele vinha de quinze em quinze dias, porque tinha muitos negócios em Campina Grande. Me chamou, me convidou, dizendo assim: “olha, eu gostei muito de você. Eu vou lhe dar um negócio”. Me levou numa serraria grande. Os caras estavam devendo uma fortuna a

ele e deram a serraria pelo débito. Ele queria me dar esse negócio para eu dirigir. Eu disse: não há condições de eu aceitar esse negócio, o povo não vai aceitar a minha direção com essa idade. Então ele passou para outro. Nessa mesma época também fui convidado e recusei a gerência da maior livraria que tinha por lá. Foi então que eu voltei para Recife.

Aos 22 anos de idade estava me preparando para ir para o Recife. Quando me mudei do hotel, fui morar na cidade, em outra pensão, Campina era superlotada de soldado. Eram anos da 2ª Guerra Mundial. Quando eu estava nessa fase, justamente por causa dessas crises com garotas, resolvi me mudar para o Recife. Tentei me livrar dessas situações, mudei do Hotel 7 de Setembro e fui morar numa pensão no centro, onde era cheio de militar. Inclusive tinha um coronel que morava lá e eu era vizinho desse homem, por coincidência. Esse cidadão tinha uma amante que morava no hotel. Não me lembro do nome dele. Eu ali morava e então, quando ele chegou, me viu conversando com a namorada dele e perguntou para ela o que conversava tanto comigo. Ela disse: “é porque ele é vizinho daqui”. Depois disso eu voltei para o 7 de Setembro e esse hotel era cheio de mulheres dos sargentos. Nesse hotel, voltei para o mesmo apartamento que estava desocupado. O apartamento dava vista para a rua. Certas mulheres falavam comigo. Havia um sargento que era muito ciumento, porque ele chamou o gerente do hotel e disse que quando ele estivesse de plantão, não era para deixar a esposa comer no salão. “Manda uma mulher levar a comida para ela no

quarto", dizia. Um belo dia, dia de domingo mesmo, eu tinha passado lá e estava esse amigo meu que me chamava para passear e ver o mulheril. Nesse tempo, eu estava numa mesa com ele e o sargento ciumento, então esse sargento, em plena refeição, se levantou e perguntou "o que eu tinha com a esposa dele", na frente de todo mundo. Eu disse: "sargento, se você tem uma esposa em que não confia, é melhor deixá-la". Eu me levantei e tive que sair desse hotel também. Em poucos dias me mudei para Recife.

Capítulo 2

Mudança para Recife e o casamento



Quando cheguei em Recife, fiquei em uma hospedaria. Tinha dinheiro e comecei a gastar, e nem ligava para procurar emprego. Quando fui ver, estava sem nenhum tostão. Eu disse, vou procurar um emprego. Como em Santa Rita eu tinha conhecido alguém, em uma rua chamada **Travessa da Raposa**, entrei numa padaria. Era de um português muito bom, atencioso. Eu disse para ele que eu precisava trabalhar. Ele disse: "você vai ficar". Depois da conversa ele chamou o gerente, me apresentou e disse: "quando for de manhã, o senhor manda esse rapaz com um pessoal que entrega pão aqui nas imediações para ensinar a ele". Eu dormi, tomei café, e quando foi de manhã, o gerente disse: "chama esse novato aí", e me falou: "você vai acompanhando esse homem aqui que ele conhece a freguesia, e você leva o pão". Era muito

pesado o pão, então, de tarde, eu disse que não ia mais. Disse que não podia pegar em peso. O cara ficou danado. Ele ainda me deu um dinheiro e disse que quando eu tivesse aperreado podia passar lá. Comecei a procurar os livros novamente e foi minha salvação, porque dinheiro não faltava. Comecei a trabalhar nos livros e logo começaram a aparecer situações e pessoas interessantes. Quando eu estava trabalhando nos livros, tive muita sorte, porque eu sempre procurava o caminho certo. Então, nesse negócio dos livros, certo tempo, o representante me hospedou em sua casa e o vizinho tinha uma padaria chamada Leão do Norte, e eu passava sempre pela padaria para ir trabalhar. Quando Getúlio lançou a Consolidação das Leis do Trabalho, também foi publicado o livro com esse nome e eu comprei. Com essa amizade com o português, era um homem rico, sócio de uma fábrica de tecidos e fábrica de macarrão. Quando eu passei nessa padaria que eu sempre passava, vi a maior briga do mundo. Discussão acalorada com os trabalhadores e eu fiquei olhando, depois fui embora. No dia seguinte eu passei e o português estava sozinho. Eu disse que queria conversar com ele e ele perguntou se eu estava precisando de alguma coisa. Eu vi a sua discussão ontem com os trabalhadores e vou dar uma sugestão ao senhor: o nosso Presidente da República Getúlio, lançou um livro que defende o trabalhador e também dá direito ao patrão. Expliquei tudo a ele. Ele disse, «o senhor tem esse livro?» eu disse que tinha. Se o senhor tiver direito, e eu acredito que tenha, vá ao seu sindicato com um advogado, explique a ele e leia. Toma todo conhecimento sem o senhor se aborrecer. Se o senhor não tiver, vai ter que pagar as consequências. Ele disse «me arruma esse livro que eu

compro». Eu disse, o senhor não precisa nem comprar, se quiser, pode ficar com ele. Depois disso, o português ficou assim comigo. Queria que eu andasse com ele para todo canto e me ofereceu para trabalhar. Não fazia muito tempo que os filhos dele tinham chegado. Tinha um casal de filhos. Parece que um dos filhos dele era homossexual. Aí estoura a Segunda Guerra Mundial. Eu trabalhava nos romances e é nessa fase que eu encontrei Tereza.

Eu fui para o bairro Casa Amarela, peguei um transporte, quando saltei, encontrei Tereza com duas primas. Ela me apresentou as primas e disse: “eu vou para a Paraíba amanhã. Apareça lá.” Fiquei impressionado. Ela tinha mais ou menos quatorze anos e eu, vinte e cinco. Ela me convidou e eu disse, eu tenho que ir, e botei na cabeça que devia seguir na outra semana. E fui. Mas veja bem, nessa fase dos romances eu arrumei uma namorada. Era interna de colégio de freira. Eu fui ao convento porque a moça pediu para eu ir. Cheguei a falar com a freira e ela permitiu inclusive que eu visitasse a menina lá. Ela disse que nas férias dela iria me levar para conhecer o pai dela, o pai dela era seringueiro.

Mantive esse namoro até quando eu não assumi o compromisso com Tereza. Quando eu comecei a ir para João Pessoa, para visitar Tereza lá em Santa Rita, comecei a namorar logo na primeira vez. Eu me mudei e dei o endereço errado para a moça. Quando eu fiquei noivo é que tive vontade de dizer a ela, mas eu achei melhor não. Fiquei noivo, porque comecei a ir sempre lá, de quinze em quinze dias. Esse primeiro encontro deve ter sido em maio, ou um pouco antes, e quando foi depois de um mês eu a pedi em casamento. Quando foi no São João mesmo, cheguei a pedir em casamento ao meu

sogro, que era conhecido como loiô. A família de Tereza era descendente de uma família importante. Por parte de mãe, era da família Francisco, donos de uma refinaria. Antes de mim, chegou um primo dela que era marinheiro, doido para se casar com ela.



Dantas e Tereza bem jovens, irmãs e irmão.



Ao centro, seu Oiô. À esquerda, tereza. À direita, Rita, suas filhas, Walter no braço, e Vladimir em pé (1958).



Dantas no trabalho das vendas de livro

O nosso casamento foi dia 26 de novembro de 1946. O casamento foi uma festa enorme na casa do meu sogro. Casamos primeiro no padre e depois no juiz. Quando foi no dia em que me casei, ou na véspera, eu fui a João Pessoa para me encontrar com alguns colegas. Quando voltei estava bêbado, na lua de mel. Dormi na casa do sogro. A lua de mel mesmo foi em Recife. E o pitoresco do casamento, quando a gente chegou a Recife, foi que a gente levou muita coisa, bolo e peru assado. E eu não tinha casa para morar. Como eu tinha muita amizade com uma senhora que era esposa de um mecânico, que tinha uma pensão que só se hospedava gente da Aeronáutica, então eu falei com ela já antecipado. Já faz um tempo que eu me casei e queria que a senhora me

cedesse o melhor quarto, pois vou trazer minha esposa, falei, e ela me deu a chave. Ainda bem que quando eu me casei tinha certa reserva de dinheiro, passei uns tempos sem trabalhar.

Passamos nessa pensão acho que uns seis a oito meses. Depois fomos para outra pensão do português da padaria. Depois fui morar em uma casa. E na fase em que entrei na política mudava demais. Quando já estava casado fui procurar esse português e cheguei triste demais, porque ele estava muito mal de saúde. Ele fumava muito e parece que morreu tuberculoso. Ele vendeu a padaria e estava em outro negócio na Avenida Beberibe, uma fábrica de macarrão.

Nos primeiros anos, Tereza vivia muito doente, teve quatro abortos. Nessa época eu trabalhava nos "romances" e fui fazer umas cobranças. A última freguesa era uma senhora negra, moça ainda, e quando saí da casa dela depois de fazer a cobrança me deparei com uma senhora idosa, que era mãe da moça da casa. A mulher parou meio assustada e disse: "o senhor já foi atendido", eu disse que já. Ela perguntou o que eu tinha que estava tão magro, tão abatido, aí contei a ela: "minha senhora, estou numa situação difícil", e contei a história, então, essa mulher me deu o nome e o endereço de um médico. "Esse médico foi prefeito de Jaboatão e ele é um homem bom, que só atende gente que não pode pagar". Quando cheguei lá, paguei a consulta. Expliquei a ele sobre os abortos e ele disse para eu e ela fazermos dois exames. Fizemos, e quando voltei com o resultado, eu tinha sífilis. Porque peguei muita doença. O tratamento foi rigoroso, ela começou a tomar remédio, obedecia ao que o médico orientava, melhorei do físico, e ela também.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Caracina
Mat. 4096 7

R. 14097



Secretaria da Segurança Pública
GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO

Pernambuco, 3 de abril de 1951

Ao Arquivo Policial Criminal

Atendendo à requisição contida na Portaria n.º 239, datada de 29/3/1951, da S. S. Pública, envio a Individual Dactiloscópica de ANTONIO JOSÉ DANTAS.

que figura, no Registro Preventivo deste Gabinete, sob número 27.719

Saudações

O DIRETOR
Leandro Curcio

Capítulo 3

1949 - 29 anos - Início da Militância Política
Filiação ao Partido Comunista do Brasil - PCB

Em plena ditadura militar de Dutra, deu-se a minha entrada no PCB, no ano de 1949. Eu conhecia o partido de nome, quer dizer, havia muita propaganda do partido. Já ouvia falar muito do partido. Já entendia que tinha o partido, mas não tinha entrado. Um belo dia, fim de semana, morávamos em pensão, eu fui convidado pela minha companheira para passar o dia de domingo na casa de seus parentes, família muito grande no bairro de casa amarela, e eu fui muito assediado por um monte de companheiros que eram comunistas. Era a Fundação do Centro de Defesa do Petróleo, no bairro de Casa Amarela, Recife. Foi na travessa do quiabo. No final da tarde fui à Fundação e comecei a conhecer o pessoal. Tinha um casal cujo rapaz devia ter uns vinte anos de idade talvez, jovem, não lembro o nome dele, trabalhava nos correios, casado. A companheira dele já era madura e eu fiquei amigo desse rapaz. Na oportunidade em que fui apresentado a eles, caí numa gafe danada. Perguntei: “essa senhora é sua mãe?, e o pessoal “não, é a esposa dele”. Fiquei meio chateado, mas não teve problema. Foi uma festa grande, muita gente, muitos discursos, carro de som, a presença era muito mais de mulheres, mas nas falas eram quase todas de homens.

Fiquei amigo dessa turma, após a inauguração do Centro do Petróleo. Festa boa! Quando é no mesmo mês, uns companheiros conversaram e me deram uma propaganda do Partido para ler. Não me lembro se foi o estatuto, me deram um material impresso do partido, o momento era mais uma outra festa, isso após a inauguração do Centro do Petróleo de Casa Amarela. Nessa época só se falava dos centros do petróleo e tinha em todos os bairros, eram um comitê de luta. Tinha o coronel Benevides, que era o presidente nacional desse Centro. Foi em uma conferência em Recife que o conheci. Muitos familiares do Fernando Henrique, até generais, eram todos desse Centro. Ainda sobre a festa, tinha muita gente lá e já não cabia mais ninguém, ficaram muitas pessoas de fora. Foi uma festa enorme. Eu me lembro bem de um cidadão que morava lá, Sobreira, que se destacou. Tempos depois, quando fui visitar Miguel Arraes, a esposa dele perguntou se eu conhecia Sobreira, ele era um cara meio sectário, era um cara do partido, morava naquela área. É o único que lembro o nome, lá do bairro de Casa Amarela. O largo de dona Suzana, onde tinham os Correios, também tinha comércio, e nas imediações eram casas. Também perto tinha Vila da Macaxeira, fábrica de tecidos. Eu morei nesse bairro.

Foi logo após essa inauguração do Centro do Petróleo, mais ou menos, em torno de um mês, que me convidaram para participar, para entrar no partido. Deram-me os estatutos. Foi gente que estava no Centro do Petróleo, que ficava sempre em contato comigo, principalmente esse camarada, um rapaz e a esposa, os dois dos Cor-

reios. Eles me levaram para se filiar no partido e me apresentaram a outras pessoas, comissões, conversaram comigo, comecei a participar das reuniões. Logo que entrei, houve um comício e o pessoal me pediu para falar. Fiquei meio perturbado, pois eu não tinha muita prática. Logo que entrei, li o material e comecei a acompanhar os movimentos. Essas reuniões no bairro de Casa Amarela. O largo de dona Suzana tinha cinema, mais uma vez o casal da primeira festa, aquele rapaz e esposa madura eram da família do dono do cinema. Na verdade, família da mulher dele. Foi um tempo de estudos, li o material e comecei a aceitar. Comecei a vida, a acompanhar os movimentos, não parou mais de ter reuniões. Essas reuniões eram sobre o partido, doutrinárias, por exemplo. Começaram a me dar material. Ano seguinte eu fundei a empresa Capibaribe, então nessa fase inicial a campanha era centrada no petróleo. Nos primeiros meses foram só reuniões, muitas reuniões e depois foram me dando tarefas.

As primeiras tarefas eram de divulgação. Fazia propagandas sobre o petróleo. Eram comandos toda semana. Tinham comandos do jornal. Cada bairro tinha uma comissão em que as mulheres pegavam aquela cota de jornais e iam divulgando. Divulgar no bairro, distribuir casa a casa, dar nas mãos, sempre duas mulheres juntas e um homem acompanhando. O conteúdo era da campanha "O petróleo é nosso" pois, nesse tempo, quem falasse que o Brasil tinha petróleo ia parar na cadeia. A campanha do petróleo era o foco nessa época. Tinha até um português recém chegado ao Brasil, que me visitou e

me convidou para passar um domingo na casa dele, era na margem do rio. Então eu fiquei amigo dele e, num belo dia, a Direita publicou uma matéria assim: "Preso comunista Mario Coelho Pinto". O português foi preso só porque escreveu um artigo sobre o petróleo baseado em Monteiro Lobato.

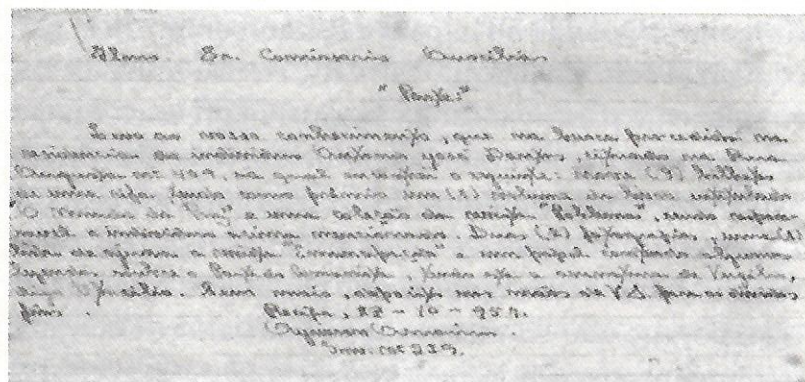
A campanha do petróleo era forte. Tinha uma agência de viagem aérea da Panair do Brasil S.A., botaram uma faixa dizendo, "O petróleo é só (o emblema da Esso) nosso". Procurei uns companheiros da juventude do partido. Houve uma reunião e fizeram um plano para arrebentar a vitrine. Três pessoas: um jogava uma pedra, outro com uma lâmpada de mil velas, cheia de piche para jogar, e ao quebrar, melar a bandeira americana e a bandeira da ESSO, e deu certinho, eles fizeram a execução do que estava traçado. Um rapaz estava na segurança, armado com revólver, e quando ele saiu para pegar a camisa, guardou os óculos, deixando uma camisa que estava no restaurante, e lá ia vestir outra camisa. Quando ele saiu caminhando para entrar na loja para despistar, o policial pegou na camisa dele e disse que ele estava preso. Aí ele sacou o revólver e colocou na barriga do policial e foi embora.

Panair do Brasil S.A. foi uma das companhias aéreas pioneiras do Brasil. Era subsidiária de uma empresa norte-americana, a NYRBA, em 1929. Dominou o setor de aviação no Brasil por décadas, encerrando suas atividades em 1965.

Nessa época, tinha entrado no partido uma francesa. Essa francesa me assediava, todo dia. Falei com a direção do partido que estava errado isso, essa mulher ser logo do partido da gente. Quando o português foi preso deu um rolo maior do mundo e a imprensa toda destacando. Lembrou-me do meu primeiro ano de militância... Comecei a viajar e levava sempre material da campanha do petróleo é nosso. Muita gente foi presa (Uma vez foi preso um rapaz em Alagoas). Nessa primeira viagem eu fui preso pela primeira vez em 1951. Eu tomava café no hotel e vinha para o centro falar com um cidadão que tinha uma casa de pesca e era do partido. Um dos dirigentes. Quando eu ia para o sertão, sempre ia lá para conversar com ele porque, às vezes, eu não tinha dinheiro suficiente para avançar a viagem. Fui preso na rua por três homens. Me levaram dentro de um Jipe. Eles diziam "você está preso em nome do secretário da segurança". A viagem durou de três a quatro horas. Eles conversavam no caminho. Perguntavam "por que eu não deixava isso, porque que eu estava me prejudicando. Um rapaz tão inteligente metido nesse negócio. Esse negócio não tem futuro", falavam assim.

Sempre tinha um cara que ia, um tal de Moacir Santa Cruz. Ele estava nessa primeira prisão. Eram agentes da polícia civil, nunca tinha polícia militar. Me trouxeram para Recife. Parou por causa da cidade que era longe, Canhotinho, eu acho. Essa prisão foi em Garanhuns. Mas no caminho, quando era a hora do almoço, eles paravam, almoçavam na mesa mesmo, comigo eram três, porque era o motorista e mais dois. Para os dois, a pre-

ocupação era que me levavam para Recife, para cadeia, várias vezes. Primeiro me levavam para a central. Logo depois da central me botavam para "vara". Passava sempre oito dias, quinze dias, e a maior, passei mais de trinta dias na última prisão. Essa primeira prisão demorou uns dez a quinze dias. Esse tempo todinho em Recife, no xadrez, me levaram para central, depois começaram a circular, porque eles faziam sempre isso para a família não saber onde estavam. Os jornais, essa daí, os jornais dava logo que tava preso, todos eles, o jornal dava, mas essa o jornal espalhava, a Folha do Povo é que dava.



E quando era prisão, havia a reclamação na Câmara ou na Assembleia Legislativa do Recife, fazia protesto, tinha Paulo Cavalcante e mesmo os deputados, medo da reação porque Paulo Cavalcante, era um cara muito benquisto pelo pessoal. O governador era o Etelvino Lins,

(1952 – 1955)¹. Ele dominou por muito tempo lá. Eles botavam tudo num xadrez diferente. Antigamente, no meu tempo, não misturava. Porque no passado, antes de eu participar do partido, eles misturavam os presos com os marginais. Justamente desse problema é que surgiu a ideia de reeducar muitos presos, esse PCC, essas coisas que os marginais estão fazendo, tudo é porque aprenderam com o partido. Antigamente, antes de ser comunista, ia gente presa também. Misturava e jogava lá.

Mas, nessa prisão, fiquei só. Eles não colocavam juntos, porque raramente tinham outros presos políticos, e quando tinha, colocavam em outro lugar. Sempre quando eu estava preso, me botavam isolado. Essa daí não me lembro se fui torturado. Sofri não porque botaram-me no xadrez para lá e para cá, ficaram rodando no xadrez, e daí a mulher quase não achava... Ela terminava achando porque eu, num canto ou noutro, arrumava pessoas que davam informação para a família. Fui preso em Garanhuns e trazido para o Recife, e vem algum detalhe a mais dessa prisão. O que marcou mais: o problema era que eu já tinha sido preso outras vezes... O que marcava mais era a repressão, a humilhação que eles faziam com os presos. Nas prisões tinham sempre torturas psicológicas ou físicas... Nessa prisão, a primeira, viajamos de Garanhuns para Recife por três a quatro horas num jipe,

¹ Etelvino Lins de Albuquerque foi um promotor público e político brasileiro. Foi governador do estado de Pernambuco, como interventor federal (1945) e como governador eleito (1952). Foi senador constituinte e deputado federal, além de ministro do Tribunal de Contas da União.

então, tem muita conversa... É porque Garanhuns era de-
pois de Caruaru. Muito depois.

Uma viagem em torno de 300 km. Parava para al-
moçar, para urinar e eles se revezavam. Os policiais que
ia, eles autorizavam na viagem conversar. Num modo
geral, no xadrez do interior era uma coisa, só na OS que
a gente era espancado, na outra não. Nessa prisão não
fui espancado. Não me deram nem um puxão de orelha.
Essa não. Inclusive nem quando me botaram no primei-
ro xadrez, eles falavam que eu estava nesse negócio sem
futuro, essa coisa toda e eles, nessa prisão, nas outras
prisões eles... Aí saiu rodando nos xadrezes, que a mi-
nha esposa me encontrou lá no bairro porque ela teve a
informação que obtive de um policial, a companheira ia
sempre com uma pessoa do movimento, ela sabia que eu
estava lá mas não deixaram ela falar, eu estava incomu-
nicável. Depois eles mudaram para outra. Essa daí eu
demorei pouco, só soltava na central, entregava lá, essa
demorou uns quinze dias.

Eles disseram que eu estava liberado. Fui direto
para o jornal A Folha do Povo. Toda vez que fosse preso
ia para lá contar o que tinha acontecido. Saí do DOPS,
da central de polícia, e fui para A Folha. O pessoal de
lá fazia perguntas. Eu dava entrevista para sair de lá.
Quando era preso pela polícia, indo para central, porque
isso aí foi, era outro detalhe, mas essa daí não houve a
prorrogação como nas outras, nunca assinei os meus de-
poimentos, eu nunca assinei.

Nessa prisão não houve provocação e nem fui
espancado, só xingamento. Todas elas, sempre tinha que

assinar e eu não assinava. Eu disse: eu não assino, não
assino, não assino, não assino. Dessa vez eu não apanhei,
mas da outra vez eu apanhei. Eles davam pontapé... Era
minha decisão e a mesma do Partido. Eu não ia assinar
o negócio porque eu via sempre o papel e eles sempre
faziam isso. Batiam na máquina e ficava sempre um es-
paço muito grande depois da última linha, passando,
entendeu? Eu vou assinar um negócio desse e assinava
outra coisa, a gente dizia uma coisa e eles botavam outra.

Eles mandavam ler... Eu afirmava, só assino papel
com a presença do meu advogado. Se o meu advogado
mandar eu assino. Aí pronto, eu não assinava. Nunca
apareceu nenhum advogado nesses quinze dias. E no
xadrez não tinha visita. Só teve visita uma vez quando
o Brasil estava em estado de sítio... Eles não consentiam
que tivessem advogados.

Lá na Folha do Povo, o pessoal fazia perguntas e eu
dava a entrevista. Denunciava o governo. Falava mes-
mo, isso aí eu fazia. Tereza se sustentou. O partido dava
solidariedade, isso aí era verdade. Eu ganhava dinheiro
com o livro. Quando eu estava solto, eu vendia livro. Bo-
tava para vender nas bancas de jornal, dava comissão ao
dono da banca. A folha do povo prestava conta lá por-
que ela não era eu que vendia. O povo já tinha comando.
Os assinantes também recebiam, mas, estávamos moran-
do na pensão ainda, quem pagava a pensão, eu não es-
tando, era o partido, quando eu peguei a primeira casa
alugada, foi em Casa Amarela. Nessa fase que veio o pri-
meiro filho. Eu fiz um círculo de amigos muito grande
para conseguir ajuda e apoio.

Tinha um cidadão que era banqueiro do bicho. Ele

quebrou o galho muitas vezes, arrumando dinheiro para pagar a Folha do Povo. Os trabalhadores não tinham um centavo, e o partido também não. A Folha sem caixa e o pessoal apelava para mim, para eu arrumar o dinheiro para ajudar no problema da Folha. Até o próprio dirigente geral recebia dinheiro da Folha.

O Doutor Calheiros era do partido...

Depois foi que eu comecei a me tratar, comecei a contar com ele. Eu já estava no partido, quando eu o entrei foi nessa fase da campanha do petróleo. A primeira vez que fui lá, ao médico, ainda não era do partido. Era simpatizante. Já tinha lido aquela coisa, mas não era do partido e então, quando eu entrei, quando comecei a visitá-lo, ele era comunista e contou muitas histórias.



Malaquias Batista e Antônio Dantas: relembando os fatos

Ao lutador Dantas: meu depoimento

Malaquias Batista Filho

Conheci Dantas (ou o nosso Antônio Dantas) numa das reuniões das Ligas Camponesas, na Feira de Oitizeiro, em Cruz das Armas, bairro operário de João Pessoa. Eu era, então, um neófito do movimento político pelas causas populares: os camponeses sem terras, sem direitos, nos tempos duros do cambão, da meia, da terça, do barracão, dos capangas. Talvez hoje estes termos não sejam conhecidos dos jovens, a não ser por depoimento de seus pais ou avós. Era o feudalismo agrário, a idade média dos senhores de terras nos canaviais do Nordeste ou nos grandes latifúndios dos criadores de gado no interior. Foi neste cenário que conheci Dantas, Pedro Fazendeiro, Nego Fuba, Pedro Teixeira, D. Elizabete Tei-

xeira, Assis Lemos, Padre Olímpio de Freitas, Agassiz Almeida, Langstein Almeida, Bartolomeu e tantos outros companheiros e companheiras que se inscreveram no movimento pelos direitos de cidadania no campo e nas cidades. Uns dez ou doze anos mais velho do que eu, Dantas era já um militante tarimbado nos movimentos operários do Recife, na clandestinidade do Partido Comunista, na doutrinação por uma sociedade talvez utópica, sem explorados e exploradores, sem patrões e deserdados, sem a separação desigual entre os donos dos meios de produção (o capital) e os que não chegaram a ser donos dos próprios braços (os trabalhadores).

Eu não havia concluído o curso de Medicina, revisei minhas concepções de vida pessoal e profissional, passei para o partido dos oprimidos, dos injustiçados, dos sem vez e sem voz, de todo esse mundo submetido a um regime de semi-escravidão disfarçada mas permitida. Foi neste clima de encontro de ideias e interesses conflitivos que conheci Dantas. Impressionava-me seu espírito de luta, de decisão, de doação às causas populares, de adesão plena, sem meios termos e meias atitudes.

Os momentos mais marcantes? Pelo menos três: a missão de substituir Dantas na invasão das terras de Chiquinho das Neves, no Gramame, bem pertinho de João Pessoa. Chiquinho das Neves era um grileiro de terras de propriedade do Estado, no Vale do Gramame, entre João Pessoa, Alhandra e Pitimbu. A propriedade tinha (não sei se ainda tem) um nome estranho, talvez indígena: Capim Açu Paripe. Não sei se três palavras ou uma só. Seu proprietário eventual, já que não tinha a titularidade das terras, era amigo do usineiro Renato Ribeiro Coutinho que, por sua vez, era muito aproximado dos militares do

XV Regimento de Infantaria. Fomos informados, no dia da ocupação, na conversa nada amistosa com a administração da propriedade, que Renato Ribeiro Coutinho seria notificado da invasão e, ato contínuo, a chefia militar do Regimento de Infantaria. Dizia-se, inclusive, que as terras eram campo de exercício militar das tropas do XV RI. Sem dúvida, era uma estratégia de intimidação que nos era apresentada. Passamos o dia avaliando os raros aluviões nos leitos secos dos riachos e nos tabuleiros arenosos da propriedade. Nossa missão era encontrar terras para abrigar famílias despejadas de uma propriedade de Lucena, na foz do Rio Paraíba. Para saciar a fome do dia da caminhada, comemos mangas e mangabas nativas, num almoço forçadamente vegetariano. Na rua em que morávamos (Princesa Izabel, próximo ao mercado Central, em João Pessoa) a chegada das camponesas, às 5 horas da manhã, num caminhão aberto, exibindo foices e enxadas, símbolos da Ligas Camponesas, ficou marcada como uma ação revolucionária. E haja sonho, nesta imagem! Tudo terminou em paz e em frustração: as terras de Capim Açu Paripe não se prestavam para roças de mandioca, cultura preferida dos camponeses expulsos de Lucena, propriedade da família Monteiro, se não me falha a memória.

Outro momento marcante foi a morte de João Pedro, numa emboscada em Café do Vento, estrada da BR para Sapé. Como eu era repórter do jornal "A União", fiz a cobertura jornalística do crime e fiquei com o documentário fotográfico do líder camponês assassinado. Estive presente à apresentação dos dois criminosos, um dos quais, o cabo Chiquinho, a mando de Virgínio Velloso Borges. Cedi estas fotografias pouco antes do golpe

militar aos realizadores do filme "Cabra Marcado Para Morrer". São estas fotografias que aparecem no filme histórico. Quem acompanhava o diretor Eduardo Coutinho? Ninguém menos que o poeta Ferreira Gullar e o consagrado cineasta Wladimir Carvalho, que foi meu companheiro de redação na "A União".

Perguntam-me como estes acontecimentos de nossa luta no passado poderiam inspirar mensagens para a juventude de hoje. Na realidade, apesar dos extraordinários avanços científicos e tecnológicos que caracterizaram os últimos 60 anos e, ainda mais, do intercâmbio econômico, político e cultural do processo de globalização que, teoricamente, possibilitaria a difusão e o usufruto do progresso para toda a humanidade, verifica-se que as desigualdades persistem e em muitos casos até se acentuam. Assim a clivagem ricos x pobres, incluídos x excluídos, hegemônicos x dependentes, estabelecendo níveis de separação entre países, regiões e estratos socioeconômicos dentro de um mesmo tempo e até no mesmo espaço (território), representam a face perversa do modelo estabelecido pelo liberalismo de mercado. São assimetrias que se manifestam, de forma marcante, no processo saúde/doença, demarcando perfis diferenciados de morbimortalidade. É o caso da mortalidade infantil, que alcança diferenciais de 80 vezes entre as nações mais desenvolvidas e mais atrasadas, e que, na mesma ordem de comparação, separam em até 900 vezes os indicadores de mortalidade materna, como se comprova nos relatórios anuais das Nações Unidas.

Diferenças notáveis e de caráter emblemático se manifestam no campo da alimentação e nutrição humana. Na realidade, os conhecimentos científicos e as tec-

nologias disponíveis asseguram, em termos potenciais, as condições plenas de produção, transformação, conservação e distribuição de alimentos para todo o efetivo demográfico da humanidade. No entanto, 34% das crianças no mundo são desnutridas, dois bilhões de pessoas são anêmicas, um quarto dos escolares vivem em situações de risco de deficiência de iodo, ainda a causa mais comum de retardo mental evitável no mundo.

A experiência que vivemos no Nordeste, debatendo e lutando por idéias e encaminhamentos dos grandes problemas, que não eram apenas nossos, mas parte dos desafios que interessam à própria humanidade, representa sempre uma fonte de inspiração, de auto-estima, de realização para a juventude. São os jovens que renovam o mundo, dizia Josué de Castro. Não entendo o alheamento, a indiferença, a alienação dos jovens, o niilismo dos braços cruzados. O vazio de idéias e de causas representa o próprio esvaziamento do que é mais humano: o desejo de um mundo novo, de uma nova sociedade e até de uma nova civilização. Há uma agenda aberta para a humanidade em suas várias dimensões: o econômico, o social, o político, o cultural, o ecológico, o coparticipativo, o ético, a sustentabilidade do desenvolvimento.

Aí estão os contextos desafiadores: os mercados não são auto reguláveis, não podem crescer infinitamente, porque os recursos naturais são finitos. Se se adota como imagem do progresso material o padrão americano ou japonês, que por sinal estão se esgotando, chega-se à conclusão inviável de que seriam necessários três outros planetas iguais à Terra para atender a demanda de matéria-prima. Ou seja, esta perspectiva é inviável. Nosso modelo de crescimento, no qual os países mais ricos têm uma renda *per capita* de 40.000 dólares, enquanto nos

mais pobres se situa em 400 dólares anuais, não é política e eticamente aceitável. Por conta, entre outros fatores, desses desequilíbrios econômicos e sociais, a mortalidade infantil é 80 vezes maior nos países mais atrasados, enquanto a mortalidade materna (ou seja, na gravidez, parto e puerpério) chega a ser até mil vezes mais elevada. Estamos poluindo cada dia mais a atmosfera, os solos, as águas de rios, lagos e oceanos. As águas de boa qualidade acham-se quase no limite de uso industrial, agropecuário e doméstico. Como assegurar alimentos para um bilhão e cem milhões de pessoas que passam fome? Como reduzir os gases do efeito estufa, principalmente o gás carbônico e o metano, que, desde 1960, aumentaram sua concentração na atmosfera em mais de 20%? Se poluímos o ar, as águas, os solos, onde vamos comer e habitar de forma saudável?

Mais do que uma revolução política, o mundo reclama uma revolução cultural, antropológica. Como diria, em suas memórias, o físico Max Planck, esta mudança não vai ser feita pelos velhos, mas pelos jovens. Nunca o debate de idéias, a necessidade de mudanças e o compromisso de aplicá-las foram tão desafiadoras, tão urgentes e tão universais como agora.

Nossa geração se rebelou nos anos 60, mas são necessárias novas rebeliões, não destrutivas, como aponta Ortega y Gusset, mas reconstrutivas, depois da desconstrução dos valores anacrônicos que envelhecem o mundo, levando ao impasse das injustiças, das desigualdades absurdas e da insustentabilidade de um progresso entregue à sorte lotérica dos mercados. Não é possível fazer da humanidade um grande *shopping*. Vamos pensar nisso? Ou, como diria Dantas, vamos lutar?

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Carneiro
Mot. 40967

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
PERNAMBUCO

CARLOS.

- Meu pai era camponez, assalariado agrícola. Não tinha política. Era anti-religioso. Minha mãe era camponesa e muito católica. Ambos falecidos.

- Nasci no município de Sapé, Paraíba, a 19 de Novembro de 1920. Comecei a trabalhar aos 8 anos, com enxada, como assalariado agrícola na FAZ. Jaboticaba, município de Maranguape (Pa.) e depois no Engenho Saboeiro, no município de Espírito Santo (Pa.) Depois fui para a Capital para a casa do proprietário do Engenho para servir de criado. Depois trabalhei numa fábrica de tecidos de Santa Rita (Pa.), no mesmo ano saí para trabalhar na Usina S. João no mesmo município, logo em seguida fui trabalhar na Usina Sta. Rita. De 1939 a 1941 trabalhei no comércio em vários ramos, especialmente em Padaria. Em 1942, trabalhei numa fábrica de estopa (Recife), trabalhei no Ibura, depois voltei a trabalhar no comércio (Recife) até 1948. De 1948 a 1951 fui pequeno comerciante. Durante toda essa atividade não participei de nenhuma luta de massas, também não participei ou melhor, não me filiei a nenhum partido político. Em 1945 tomei os primeiros contactos com a literatura marxista. Li jornais e o livro PRINCÍPIO BÁSICO DO PODER SOVIÉTICO, em 1950 trabalhei no Centro do Petróleo de C. Amarelá (Recife). De 1945 a 1950 fui simpatizante. Em 1950 entrei para o Partido, logo que fui recrutado passei a ter vida celular. Pertencei a um organismo do Partido em C. Amarelá, por intermédio de um sócio do Centro do Petróleo, no qual participei de luta, no Centro, quando o mesmo foi dissolvido pela polícia. A minha posição foi só de protesto. Nunca estive desligado do Partido. Quanto as tendências, sou muito débil e auto-suficiente. Este é o primeiro curso que passo. Já fui preso de 10 a 12 vezes, por causa da minha atividade legal no trabalho da imprensa do Partido. Fui submetido a torturas. A posição que tomei foi defender os meus princípios e o Partido. Não pertencei a polícia tempo algum, nem tive ligação. Trabalho em

- 2 -

aínda subestimo, me limitando as tarefas práticas e rotineiras.

Sou casado, tenho um filho. Minha companheira é simpatizante e realiza tarefas do Partido.

Esteve à frente da emancipação, voz Operária e atualmente atua na C.F. C.M. e G-55. -----

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Carneiro
Mat. 4096-7

- 3 -

Estado.

Voltando ao ponto e ao artigo VI digo que minha companheira tem todo sempre atitudes dignas de uma companheira compreensível e que concorda com todos os pontos de vista que apresento.

(s) Antonio José Dantas

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Carneiro
Mat. 4096-7

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Carneiro
Mat. 4096-7

1.0-27
1000



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA AUXILIAR
PERNAMBUCO

Ilmo. Snr. Comissario da Delegacia Auxiliar.

"Parte:"

Comunico a V.S., que sucessivas reuniões, se tem verificado no "Edifício Vieira da Cunha" sala nº 235, sob a presidência de ANTONIO JOSÉ DANTAS, nas quais, comparece um numero elevado de comunistas, os quais, estão preparando os "festejos" pela passagem do dia 7 de Setembro.

Nos anos anteriores, esses "festejos" sempre se realizam, com grande distribuição de boletins, na hora em que passa o desfile militar.

Sugiro a V.S., uma busca antes dessa data.

Recife, 31 de agosto de 1953.

Antonio José Dantas
Investigador nº 178-Chefe da
Turma "A".

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Carneiro
Mol. 4056 7

EMANCIPAÇÃO

— ORGÃO DEDICADO A DEFESA DA ECONOMIA NACIONAL —

DIRETORES: General Feliciano Cardoso
Coronel Hildebrando Pelagio R. Pereira
Redator-Chefe - Eng.º Fernando Luiz Lobo Carneiro — Redação e Administração - Av. Nilo Peçanha, 12 - 4.ª Sala 426

Rio de Janeiro, 14 de abril de 1952

Ilmo. Sr. Antonio José Dantas

RECIFE - PE

Prezado Sr.,

Em aditamento à nossa carta desta data, vimos informar a V.S. que recebemos também sua remessa de 1.000 cruzeiros, enviada pelo correio.

Quanto aos anúncios, temos também a dizer a V.S. que esse trabalho de V.S. foi aqui altamente apreciado, podendo servir de estímulo a que outros representantes façam idêntico esforço para a obtenção desse recurso financeiro.

Sobre os esclarecimentos que lhe pedimos por telegrama, temos a ponderar que nossa dificuldade foi a falta de carta acompanhando os anúncios. V.S. deverá ter notado que os tamanhos com que os anúncios foram publicados não coincidem com os que vinham anotados nos modelos recebidos. De fato alguns marcavam dois centímetros da coluna para a dimensão e verificamos que essa dimensão não caberia todas as palavras constantes do modelo. Por isso fizemos o ajustamento necessário. Alguns ficaram com tamanho maior que o combinado por V.S. mas isto não quer dizer que o anunciante deva pagar a diferença, uma vez que isto não foi contratado.

Precisamos de uma informação de V.S. com toda urgência sobre esse assunto. É sobre o número de vezes que os anúncios devem ser publicados, isto é, se V.S. contratou para uma só edição do jornal ou para várias. Como V.S. sabe, muitos anunciantes, ao autorizarem a publicação, declaram logo se é por uma ou mais vezes. Pedimos esta informação com urgência, de modo a que nos chegue a tempo para a próxima edição, número 41.

O esforço de V.S., conseguindo assinaturas, vendagem e doações, de mais de 3.000 cruzeiros, na viagem que realizou, foi realmente dos mais interessantes. Como patriota esclarecido, V.S. já não precisa que exaltemos essa sua atuação. Todavia foi aqui registrada devidamente.

Sem mais, no momento,

Atenciosamente

Fernando Luiz Lobo Carneiro



Emancipação Orgão dedicado a Defesa
da Economia Nacional

DIRETORES GAL. FELICISSIMO CARDOSO
CEL. HILDEBRANDO PELAGIO

REDATOR CHEFE ENG. L. LOBO CARNEIRO

MATRIZ - Av. Nilo Peçanha, 12 - 426 - RIO DE JANEIRO
SUCURSAL DO RECIFE

DIRETOR CORRESPONDENTE: ANTONIO JOSÉ DANTAS

ENDEREÇO:
RUA FLORIANO PEIXOTO, 85 - Sala 235

RECIFE

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Cavallho
Mat. 4096-7SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA AUXILIAR
PERNAMBUCOL.O.-27
7592

Ilmo. Snr. Comissario da Delegacia Auxiliar.

"Parte:"

Comunico a V.S., que sucessivas reuniões, se tem verificado no "Edifício Vieira da Cunha", sala nº 235, sob a presidência de ANTONIO JOSÉ DANTAS, nas quais, comparece um numero elevado de comunistas, dos quais, estão preparando os "festejos" pela passagem do dia 7 de Setembro.

Nos anos anteriores, esses "festejos" sempre se realizam, com grande distribuição de boletins, na hora em que passa o desfile militar.

Sugiro a V.S., uma busca antes dessa data.

Recife, 31 de agosto de 1953.

Francisco de Paula Cruz
Investigador nº 178-Chefe da
Turma "A".

"EMANCIPAÇÃO"

Aos leitores e Agentes:

Este jornal a serviço do Brasil, é feito por um grupo de patriotas, e luta com grande dificuldade para sobre-viver. Todas as nossas redações trabalham de graça, mas o custo do jornal, isto é, papel, impressão, aluguel, etc atinge somas elevadas. Não temos até o momento outras fontes de receita senão as provenientes da venda e assinaturas, bem como doações das que desejam auxiliar a nossa causa. Apelamos, portanto, ainda uma vez para todos os patriotas, no sentido de que nos ajudem, fazendo propaganda de "Emancipação", inscrevendo e angariando assinaturas ou enviando nos doações (círculos de amigos, criando comissões de ajuda, etc.).

Pedimos pois que além do seu trabalho já executado gratuitamente, V.S. procure aí os amigos do jornal sobretudo pessoas de maiores recursos ou rendas pessoais, solicitando-lhes, tão logo reciba esta, em nome da Administração, doações e contribuições que venha assegurar a saída do jornal.

Nas entrevistas e visitas que fizer a essas pessoas, se achar necessário, poderá mostrar-lhes a presente carta, explicando mais em pormenores a nossa situação financeira e premente necessidade, para o Brasil soberano de um jornal como "Emancipação".

Esperamos que V.S. bem compreenda a mais esse serviço que lhe pedimos para a continuidade e desenvolvimento do nosso jornal.

O produto da venda, ou qualquer contribuição, poderá ser enviada para a seguinte endereço: Antônio José Dantas, Rua Vidal de Negreiros, 102 - 14 andar - Recife.

Antecipadamente,

Agradecemos.

Antônio José Dantas
Antônio José Dantas.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Cavallho
Mat. 4096-7

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Carvalho
Mat. 4096-7

_____ sabendo ler _____ e _____ escrever, sendo inquerido sob o compromisso legal, disse: QUE, o depoente segue sempre a orientação do Jornal Emancipação, do qual é diretor nesta Capital, sendo sua opinião acerca do acordo militar Brasil-Estados Unidos, como sendo lesivo aos interesses da nação, uma vez que o mesmo é contra a paz; que, o depoente é de opinião também que esse acordo vem ferir a própria nossa economia interna do país; que, o depoente é contra o nosso regime político atual, uma vez que o nosso povo está sofrendo; que, o depoente é de opinião que o regime ideal para o País, seria aquele em que a classe operária, tomasse parte do poder, ou seja o governo das massas; que, o depoente é filho da classe operária, e tornou-se simpatizante do Partido Comunista, desde o ano de mil novecentos e cinquenta e um; que, o depoente é responsável pela vida do Jornal Emancipação, o qual tem a orientação de um jornal em defesa do petróleo nacional e riquezas minerais; que, o Jornal Emancipação, apenas difere da Folha do Povo, porque este é um jornal de partido, e Emancipação é um jornal de um grupo particular; que o depoente tem realizado diversas festas, com o intuito de difundir e arrecadar fundos para o Jornal Emancipação; Nada mais disse, mandou a autoridade encerrar o presente termo que lido e achado conforme o assina, com o depoente e comigo escrivão que o datilografar e assino.

aplicado em fonte 8
Antônio José Dantas
Henrique
escritas

Capítulo 4

As Duras Lutas Políticas
entre 1940 e 1960 e as Prisões

A primeira prisão, em 1951, era janeiro, antes de nascer o nosso primeiro filho, Vladimir, aconteceu na redação do jornal, A Folha do Povo, veículo de comunicação a serviço do partido comunista em Pernambuco. Bem, nesse ano teve duas vezes, não mais. Vladimir nasceu em 1953. Eu já tinha tido outras prisões. Eu não me lembro de todos os detalhes, mas houveram outras prisões também no próprio Recife. Me lembro de detalhes de uma delas: foi justamente quando eu fundei uma associação. Montei um escritório no pátio do terço, perto de onde eu morei. Era uma sucursal, uma agência, um escritório para cuidar só da luta do petróleo. Quando eu precisava de um funcionário para tomar conta dessas coisas, eu tinha que falar com o partido. Conversei com a direção e recebi a orientação de um dirigente. Você fala isso com a direção do partido da Juventude, juventude universitária ou secundária. Eu falei com o pessoal da Juventude e eles me deram o nome do rapaz. Ele foi me procurar. Henrique era o nome dele.

Sei que ele tinha um apelido, Henrique X-9. Então esse rapaz me foi apresentado e eu entreguei a ele. Eu tinha feito mais de duzentas assinaturas do jornal. Foi

um sucesso de aceitação porque a gente estava em plena campanha do petróleo, emancipação. Só em Pedra de Fogo fiz umas duzentas assinaturas. Uma coisa incrível. Todo mundo mandava o dinheiro para o escritório. Passamos a receber vários elogios do general. O jornal sempre enfrentou muitas dificuldades, mas esse jornal só foi apreendido umas duas vezes. Na primeira vez eles apreenderam o jornal. Eu consegui distribuir em mãos e era para ir pelos Correios. Só que na segunda eu dei para ele fazer. Mandar para assinantes, a relação do povo todinho. Ele era do partido da juventude. Era de confiança. Quando foi nessa fase, quando eu fiz a entrega do escritório para ele tomar conta, eu queria deixar uma moça lá também para eles ficarem mais à vontade, mas ele disse que não precisava, ele mesmo fazia. Eu dei a relação de todo estado de Pernambuco, onde mandava o **Jornal Emancipação** e a relação das pessoas que eram representantes. Pois bem, o cara era da polícia. Era um infiltrado. Um traidor da juventude. O pessoal da juventude botava todo mundo sem estudar o problema. Entrava no partido e não passavam por uma seleção mais rígida, mais segura.

Em março, em uma viagem para Garanhuns, para fazer uma campanha séria, além desses jornais, o movimento nacionalista tinha um livro. Preparei uma mala, muito material, inclusive jornal. Os nomes que recebiam o jornal da Emancipação era, também, enviado pelos Correios. Mas esse pessoal que era representante do partido a gente não misturava. Eu mandei, fiz a assinatura em Pedras de Fogo, e fiz um plano: comuniquei ao

partido que precisava fazer uma campanha. Deixei esse rapaz para fazer os trabalhos e disse que quando chegassem os jornais, mandassem para esses endereços. Aí viajei. Quando eu vou na viagem, que chego, a primeira parece que foi no centro de Caruaru e só depois ia para Garanhuns. Quando é um belo dia, tinha marcado uma palestra com um companheiro do partido lá. Marquei numa fábrica de tecido. Sempre saía muito operário. Eu cheguei e fui para lá. Quando eu caminhei para ir a essa fábrica para fazer a palestra na hora que os operários saíssem, eu tinha um companheiro lá que era do partido e sargento do Exército. Esse cara era o responsável em Caruaru. Quando eu passo em frente ao hotel para ir para a fábrica me deparei com Henrique. Aí ele disse: “foi bom lhe encontrar aqui porque eu estou de viagem. Eu estou com um negócio de venda aqui, mas eu tenho que descer para Recife porque eu tenho umas encomendas para vender e tenho que ir para lá, voltar para cidade e despachar. Mas eu vou lhe ajudar, não tem problema, não. Você vai fazer o que aqui?”

Eu disse, “eu vou fazer uma conferência aqui, uma palestra. Eu vou com você e depois a gente almoça no hotel e eu vou para Recife. E se você quiser alguma coisa para dona Tereza eu vou para lá”. Até aí eu não desconfiava de nada, só fiquei meio cabreiro com o negócio. Quando fui na casa do sargento, parece que ele nem estava, eu sei que eu fui e fiz uma palestra lá e voltei para o hotel. Não me lembro se almocei com ele. Acho que não, eu devo ter ido para o hotel mesmo. Então, quando chegou, ele disse: “olha, eu vou para Recife, mas você

faz o seguinte, me espere no mesmo ônibus que sai de Caruaru para Recife, passa aqui em tal hora. Eu venho nesse ônibus e a gente vai junto para o sertão, tá certo?”

Eu aceitei a tese dele. Quando é no dia seguinte, que era para ir no outro dia de manhã, eu comprei a passagem e fiquei esperando. O ônibus chegou e nada do Henrique. Aí eu caminhei sozinho e quando eu cheguei em Garanhuns, fui para o hotel como sempre. Parece que eu almocei nesse hotel, jantei, dormi, para no outro dia viajar para o sertão. As cidades mais importantes, depois de Garanhuns, era Arco Verde, Flores, que nessa aí, havia um coletor federal que tinha uma família que era toda do partido. Uma família que o sobrenome era Patu. Aí eu fui, tomei café e no hotel, no dia seguinte, deixei a bagagem lá e fui para o centro da cidade. Estava com a mala cheia de coisas. A mala e uns pacotes, material de propaganda do petróleo. Dessa vez era só petróleo, livros, muitas coisas. Não Tinha o material do partido, não. Isso aí não tinha não. Eu não misturava porque eu já era do partido para fazer a doutrinação. Quando ia conversar com operário para entrar no partido, era outra coisa. Era um setor só de operário têxtil. Aí fiz uma viagem. Quando eu estou esperando o rapaz abrir a sede, engraxando o sapato, ele abriu, terminando de limpar o sapato, chegaram três policiais, os mesmos que me prenderam. Aí quando eu dei fé dos três caras, ele disse: “Dantas, o que você está fazendo aqui? Eu disse, eu não tenho satisfação a dar a você. Você já sabe, eu estou na campanha do petróleo, a nova. Agora eu sei que vocês são gentes indesejáveis, mas não pensem que

vão barrar a marcha da história. Vocês são instrumentos desses miseráveis, desse governo de traição”. Aí eles disseram: “você está preso”. A essa altura, com esse protesto miserável do Henrique, a pé, para ir para a casa do homem, ele com uma pasta, os caras disseram assim: “porque a gente não prende aqueles safados também”? Aí o outro disse assim: “mas ele não disse que estava aqui de viagem? Não tinha nada com o partido, simplesmente trabalha com ele”, ele não disse isso, que não tinha nada com o partido, aí eu manjei logo, o Henrique fez um sinal assim que ia tomar providência, ia protestar e fez. Protestou para os generais todinhos. Passou um telegrama para os generais informando que eu estava preso. Eles disseram: “vamos lá na pensão ver a bagagem dele”. Quando chegaram lá, o hotel cheio de gente, eu peguei a maleta. A maleta cheia de propaganda. Só emancipação e coisa do petróleo, e não tinha coisas do partido. Separava isso porque eles tiravam minha roupa e me me levavam ao DOPS. O primeiro xadrez que me botaram foi em Tigipió. Só me deixaram e me disseram: “você tá á disposição do secretário”. Essa vez eu rodei a cidade todinha. Todo canto ele ficava. Essa daí eu não cheguei nem a ir para a secretaria. Demorou uns trinta dias essa prisão e era justamente na época em que Tereza estava prestes a ter menino. Nasceu em abril. Deve ter começado no final de março. Pertinho, ela pariu no dia 10 de abril.

Estava em Garanhuns novamente, engraxando o sapato, aí os policiais me trouxeram para Recife e me deixaram à noite no xadrez de Tigipió. Nessa delegacia

passei somente uma noite e no dia seguinte eles me trouxeram para outro xadrez eu não me lembro onde, mas sei que rodou todos os xadrezes da cidade. Dois dias num, um dia noutro, rodando tudo.

Essa mudança de xadrez era num jipe. Não eram os mesmos policiais, mas sempre tinha um. Parece que o jipe era o mesmo. Era, era a mesma coisa, tinha sempre um, o que fez a primeira prisão. Nessas prisões tinha sempre o cara que era chamado chefe da missão. Era Moacir Santa Cruz, formado, parece, em repressão. Parece que era irmão de um delegado de lá. Então fiquei rodando, uns 30 dias. Então eles me devolviam para Garanhuns ou para Tigipió. Mesmo xadrez. Me botavam lá e, no dia seguinte, parece que foi de manhã, botaram-me nesse xadrez, e quando foi à tardinha, chegaram lá e disseram assim, a primeira conversa deles: "você está posto liberado. O secretário mandou lhe por em liberdade". Só que ele recebeu um ofício, uma mensagem, acho que do juiz de Garanhuns, que queria falar com você". Aí, o cabra abriu, parece, que o negócio. O juiz disse: "você falou mal dele lá em Garanhuns". Eu disse, isso é uma falsa, uma cachorrada. Aí pegaram e me levaram. Só deram o envelope quando eu cheguei. Me levaram para lá. Quase cinco horas, longe que só a moléstia. Me Levaram para falar com o tal do juiz em Garanhuns, sempre conversando. Quando chegamos na cidade, parece que de Canhotinho, que é longe também, quase a metade do caminho deles, chegando em Canhotinho, de Recife para Caruaru, quando chega no sertão é cheio de abismos de um lado e outro, pedra, você vê assim bem 200 metros de pro-

fundidade. Despenhadeiro mesmo, era conhecido. Acho que é mais alto, parece que é 500 metros de altura. Uma cidade fria, cidade turística. Era muito bom, cidade boa. No caminho, fomos conversando. Quando chegamos em Canhotinho, fomos em um restaurante para jantar. Fomos para o hotel e quando saímos de lá, onde tem o despenhadeiro, uns kms, eles disseram assim: "é aqui, né?" dizendo para outro. É aqui que vai ser. Aí ele confirmou: "é". Aí, eles chegaram e desceram primeiro. Mandaram: "desça". Você pode acreditar que eu nunca tive medo. Eles ficaram urinando e eu também desci e fiquei urinando, assim, um pouco perto deles. Eu calculei: se me empurrar aqui, eu levo um comigo. Quando terminou, fomos para o jipe. Eles simularam que iam me jogar, era isso aí. Eu não pensei, eles falaram, é aqui, eu caminhei. Quando chegou na cidade, perto do dia amanhecer, quatro a cinco horas, eles rodaram a cidade, "Vou deixar ele doido, para ele não saber nem onde está". Quando chegou em uma rua meio escura, me mandou descer. Eu desci e me deram o ofício. "Mas não deixe de entregar isso ao juiz, se você não entregar, vai terminar sendo preso", eles disseram logo em Recife que eu estava posto em liberdade. Eu fiquei meio preocupado, mas saí andando. Pensei que eles iam me atacar com bala. Felizmente cheguei no hotel, ainda era cedo, descansei um pouquinho e almocei lá. O gerente do hotel era até meu amigo, conta a pagar não tinha.

Li o ofício. O juiz queria falar provocação somente. Eu rasguei o ofício. Não fui falar com o juiz. Já sabia que era uma chantagem, podia ser verdade ou não. Eu fui

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Cavaglio
Mat. 4056 7

11599

1. O. - 22
21564

S. S. P. - DELEGACIA AUXILIAR - PERNAMBUCO

COPIA

Recife, 19 de fevereiro de 1965.

OFICIO Nº 255 D/A

Ilmo. Sr.

Dr. Diretor do Gabinete de Identificação.

Afim de serem identificados nêssa Gabinete, por exercerem atividades subversivas, apresente a V. Sa. com estô, os presos políticos LOURIVAL ESPERIDIÃO DA SILVA e ANTONIO JOSÉ DANTAS, solicitando sejam remetidas posteriormente a esta Delegacia, suas individuais de telescopia, acompanhadas de 4 (Quatro) fotografias dos identificados.

Atenciosamente

Bel Alvaro Gensalves de Costa Lima
Delegado Auxiliar.

Fama



MINISTÉRIO DA GUERRA
IV EXÉRCITO
7. REGIÃO MILITAR

Ass.	
X.	
Arg.	

QG - FISCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

OFÍCIO

N.º 142-A-IPM

Recife-Pe Em 16 / Mar / 65

Do Major Dynalmo Domingos de Souza - Encarregado do IPM

Ào Sr Dr Delegado Auxiliar da Secretaria da Segurança Pública de Pernambuco.

Assunto: - Apresentação de preso político - faz.

Referência: Of. 404-D/A de Março de 1965, da Delegacia Auxiliar.

Anexo:

Arquivo-se
em 22-3-65
Fim e Val
M

- 1 - Encaminho a V S, o preso civil ANTONIO JOSÉ DANTAS, solicitado por essa Delegacia, conforme ofício constante da referência.
- 2 - Aproveito a oportunidade para apresentar os meus protestos de elevada estima e alta consideração.

Dynalmo Major
DYNALMO DOMINGOS DE SOUZA - Major
Encarregado do IPM.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Cavaglio
Mat. 4056 7

Guaranicua
11594

Caxangá
25-2-65

(14)
(40)

DELEGACIA AUXILIAR
REGISTRO DE PRISÃO:

NOME: ANTONIO JOSE DANTAS

NOME DO PAI: MANOEL DANTAS DA COSTA

NOME DA MÃE: MARIA BARBOZA DO NASCIMENTO

NACIONALIDADE: BRASILEIRO

NATURAL DE: SÃO PARAIBA

PROFISSÃO: COMERCIANTE ESTADO CIVIL: CASADO

IDADE: 44 ANOS INSTRUÇÃO: PRIMARIA

LOCAL ONDE TRABALHA: PARAIBA

RESIDÊNCIA: RUA PROFESSORA MARIA AMELIA TORRES, No. 313

ARRABALDE: PARAIBA

MOTIVO: VINDO DO IV EXERCITO AVERIGUAÇÃO

DATA DA PRISÃO: 19-2-1965 SOLTO EM:

Volta ao IV Exército em 25-2-65

ASSISTENTE SOCIAL
Folha nº 1

conseguir dinheiro para voltar. Não tinha a assinatura do juiz no papel, tinha só um bilhete. Se tinha assinatura não sei, sabe que eu não olhei? Rasguei e pronto, eu sabia que era provocação. Nunca falei mal de juiz.

Eu, quando chegava às cidades, visitava até as autoridades. Esse juiz eu devia conhecer, inclusive, porque eu nunca deixei de visitar o presidente da câmara, juiz, desembargador, as autoridades. Não tinha problema, isso eu fazia espontaneamente. Não queria saber da ideologia do cara, nem nada. Para fazer a propaganda da campanha d' "O petróleo é nosso", era com todo mundo: juiz, padre, todo mundo. Conhecia Dom Helder Câmara. Então eu fiquei no hotel, almocei e fui procurar o companheiro da loja de peças de automóveis. Fui conseguir dinheiro. Não tinha dinheiro, nem um tostão, roupa,

não sabia de nada. Parece que entregara à minha esposa. Quando o Henrique voltou para a cidade ele fez tudo, o problema da solidariedade, já tinha telegrafado para os generais, tinha telefonado para o congresso, falou com Carlos Duarte, meu advogado, advogado do partido. Falou que o Carlos Duarte tomou a questão. Foi lá no jornal e a coisa mais séria foi que eles, a polícia, na mesma hora que me soltou, talvez antes, eu não sei, comunicaram, telefonaram de noite para a Folha do Povo. Falaram com Carlos Duarte dizendo que eram uns companheiros simpatizantes do partido. Na verdade a polícia, "Teve uma coisa lamentável, nós fomos informados. Nós somos de Garanhuns. Somos amigos do partido, amigos de vocês. Fomos informados que tem um rapaz em Garanhuns que está hospitalizado e que talvez não escape. Está muito mal. A polícia quase mata no cacete". Dessa vez houve muita guerra psicológica, mais tortura. Espancamento não houve. Então, com essa guerra de nervos, o partido ficou apavorado. Logo cedo saí no primeiro transporte. Peguei um ônibus para Recife. Cheguei na parte da tarde, de tardezinha, cinco a seis horas. Fui direto para a Folha do Povo. não fui nem em casa. E o "Henrique x9" foi na casa da minha esposa. Aliás, não. Ele não foi lá não. Ele fez a solidariedade e não foi. Tudo o que devia fazer, ele fez. Avisar todo mundo e tal. Acionou a solidariedade e os protestos em nome da juventude. Aí, tudo certo. Eu, nessa altura, já sabia. Tereza foi lá, quando ela soube essa história de prisão. Logo no princípio foi de buxão grande e chegou na casa da mulher. Era em Tijipiú, a casa. Ela tinha o endereço da mãe do "Henrique x9". Ba-

teu. Ela viu um rapaz sentado numa cadeira de balanço, ele demorou. A Tereza falou: «chame a senhora sua mãe que eu quero falar com ela, Henrique, porque ele trabalha com meu esposo e ele é do partido, trabalha no jornal, eu vim saber se ele já chegou». Eu não tinha chegado, ela não sabia de nada. O rapaz disse assim: “não, Henrique não é desse negócio, não. Henrique é da polícia». Tereza ficou pasma. O cara deu o serviço, era o irmão dele. Confirmou a minha suspeita: “Henrique x9” é da polícia. O rapaz foi chamar a mulher, a mãe, ela podia até pensar melhor. O filho chamou: «tem uma mulher aí», que era uma rapariga dele. Eu fiquei sabendo desses detalhes todinhos. Eu fiquei na minha e o Henrique deixou de aparecer lá no jornal. Ele abandonou por completo o negócio. Então eu fiz que nada tinha acontecido. Encontrei ele um dia, já bem depois, tinha demorado a aparecer. Eu esperava que aparecesse. Tinha um escritório além do petróleo. No escritório, tinham quarto e sala. A sala era minha. No quarto andar, tinha quatro salas do partido e uma era minha. Nessa época eu ainda estava com a distribuidora de livros (Capibaribe), e o convidei para passar no escritório para conversar. Ele foi. Eu disse que era um traidor vagabundo, disse que ele não ia parar a marcha da história com essa traição. Disse que era um infame, um bandido e botei-o para fora.

Era 10 de abril de 1953. Nasceu o nosso 1º filho e ele estava bem de saúde. Tereza, acompanhada pelo Dr. Manoel Calheiro, deu à luz em uma maternidade. O parto foi normal. Lembro que logo meu filho nasceu,

trouxeram para eu ver. A enfermeira o trouxe de cabeça para baixo: Eu fiquei preocupado, não sabia que podia carregar um bebê assim, mas era muito sadio, daquele jeito. Depois de uns três dias, Tereza e Vladimir, meu filho, foram para casa. Nós morávamos na Travessado Bogir, número 98, em Recife.

Eu nunca tinha contado sobre as dificuldades do Partido, mas quando nasceu o primeiro filho, Tereza era ativista, mas não era do Partido. Ajudava fazer a campanha do Petróleo. Nesse tempo tinha um coronel do Exército que era secretário de segurança pública. Eles pegaram as mulheres e mandavam raspar a cabeça. Teve muito protesto. Chamaram ele de invasor de mulheres. Essas mulheres eram do Partido. Tomavam os jornais e raspavam as cabeças. Tereza não estava nesse dia.

Um dia, fui conversar com Dr. Calheiro e vi “Henrique X9”. Fiquei observando quando estava me dirigindo à Clínica. Ele me abordou e começamos a brigar. Ele disse que eu estava preso e a briga continuou. Ele me golpeou, me deixou sufocado. Bati nele também. Chegaram mais dois policiais, fingiram que estavam me defendendo e me levaram para a delegacia. No caminho Henrique foi me espancando até chegar à delegacia. Ele me deu tantos pontapés que até os colegas dele chegaram a reclamar. Acho que só fiquei um dia e me soltaram porque não tinham prova. Foi só uma forra porque eu tinha expulsado ele do jornal.

04 de Janeiro de 1951 - começaram as prisões. Uma delas foi dentro do Jornal Folha do Povo. Lembro-me de

duas invasões na Folha. Lembro mais dessa: o pessoal reagiu e a polícia arrebentou todo o Jornal. O Relatório do DOPS fala que saiu muita gente ferida. Inclusive alguns investigadores. Não lembro. Eu era novato no Partido mas não mudei nada. Deveria ter umas cinquenta pessoas dentro do jornal. Tinha pessoas que nem eram comunistas. Essa invasão foi pela frente. O jornal estava empastelado (Significa parar ou Interditar o Jornal por ordem da justiça). Às vezes, durava trinta a sessenta dias, e quando estava empastelado circulava outro tipo de jornal com outro nome. Mas nunca deixava de circular. Não lembro de ter saído ninguém ferido de lá. Nós não fazíamos reunião do partido. Era só sobre o Jornal do partido, lembro do nome de alguns da equipe do jornal na época. Os principais eram Iran Pereira, jornalista e dirigente do Partido; Luiz Maranhão Filho; Sindofe, chefe da gráfica e Sobreira. O jornal era tipo tablóide, tinha umas oito páginas e era em preto e branco, impresso lá mesmo.

Nessa invasão fomos todos para o dope, chamado Brasil Novo, era muito grande, cabia muita gente. Todos que iam para lá eram muito espancados porque eles queriam arrancar depoimento e tinha que assinar a confissão. Eu não assinava, não. Não lembro quanto tempo na detenção. Lembro que as esposas levavam o Jornal para a cadeia quando iam nos visitar. Botaram uma policial para revistá-las. Tereza se sentiu agredida e empurrou uma policial, foi muita confusão nesse dia. Entrei no Partido no final 1949. Em 1951 eu já estava muito engajado

ao Partido, já trabalhando no Jornal. Fui preso em agosto de 1951, por estar distribuindo material de propaganda, e em Outubro também, pelo mesmo motivo.

Quando íamos presos para casa de detenção, ficávamos cerca de três, quatro dias. Os advogados sempre contestavam e, às vezes, éramos soltos rápido. Sempre que eu chegava em Garanhuns, já mandavam me prender. Acho que fui preso em Garanhuns algumas vezes. As prisões foram muitas, mas não lembro de muitos detalhes. O Policial levava para a detenção. Tinha que tirar a roupa, ficar só de cueca. Jogavam água gelada e, às vezes, tinham alguns policiais que eram mais brandos e davam pano para a gente se enxugar. Isso quando era Polícia Militar. Eles não prendiam muito, não. Eram mais os civis, e eram mais cruéis. Antes de nascer meu primeiro filho, fui preso umas oito vezes. Uma prisão foi em um feriado. Estava com um rapaz cearense que eu estava recrutando. Nós estávamos na rua sem material algum. Mesmo assim, nos levaram. Eu tentei protestar, mas não tinha ninguém na rua. Falei que o rapaz não era do partido e mesmo assim ele foi fichado. Os policiais me seguiam direto. 15 de Janeiro de 1953, motivo: fui preso por exercer atividades subversivas contra o acordo militar Brasil / EUA. Eu era diretor do jornal. Tenho relatório assinado pelo General. Eram dois Generais. Não sei se era **Peliciano Cardoso** ou Leônidas Cardoso. Tenho outras correspondências do gerente. Tem uma correspondência que veio assinada pelo General pedindo que intensificasse ajuda e mandasse abaixo assinado. Eu mandei para todo canto, para soltar o companheiro de

Sergipe que estava preso. Tenho a relação de campanha que eu fiz para arrecadar dinheiro. Eu fui a única pessoa que fez anúncios para conseguir dinheiro. O jornal era pela emancipação da economia nacional e contra os americanos, contra a invasão, contra os trustes e nessa fase quem falasse que o Brasil tinha Petróleo ia preso. A campanha nacionalista do Brasil era forte, porque o Exército, os nacionalistas, Marechal Lott, aquele pessoal todinho era muita gente. Até Mesmo as associações dos aposentados do Exército que eram muito poderosos. Todos eram do movimento nacionalista e o ano de 1953 foi o de maior violência, isso depois da morte de Stalin. Isso aí eu me lembro como se fosse hoje, violência em todo o mundo, pressão no Partido Comunista em toda parte do mundo. Por Exemplo, na Hungria, tinha um cardeal que era muito bandido e que liderava a extrema direita lá. Todo dia dava um banho de sangue no povo. Era uma coisa séria o Governo da Hungria. Depois de tanta violência e tantos assassinatos, pediu ajuda, foi quando a Rússia entrou com tanques, foi um massacre também danado, na Hungria, em 1953. Depois da Morte de Stálin, foi que houve a violência por toda parte do mundo, inclusive da extrema direita. Parece que na União Soviética já estava havendo aquele processo de traição, foi quando mudou o sistema, eu percebi logo; o Partido pregava uma revolução armada, depois passaram a fazer coexistências pacíficas e união com a burguesia. Antes tinha uma amizade mais dos chamados Uno, que apoiavam o Partido pensando que a revolução triunfava porque a propaganda era grande, gente a favor disso e tal, aí

mudou para a consciência pacífica. Tanto é que, em 1958, quando houve as eleições, eu estava vendo que o problema estava todo errado. Começou a mudar a linha das alianças. Vi, por exemplo, que o Partido escolheu Cid Sampaio. As prisões eram sempre feitas com muita violência porque eu sempre reagia à prisão. Sempre reagi protestando e apanhava. Fui preso umas três ou quatro vezes na banca de jornal, em plena cidade do Recife. Ali onde havia um café, um companheiro tinha umas cinco bancas, ou oito, o Pedro. Esse cara era grande amigo que ajudava o Partido. Ajudava tudo. Fui preso lá varias vezes distribuindo revistas. Lembro que uma vez tinha um retrato de Stálin na revista Time, a polícia represou que apreenderia as revistas e jornais nas bancas. Disse para o comissário: "tem uma revista aí com o retrato de Stálin na capa". O Comissário disse: "Prenda. Pode prender." Mas outro disse: "mas pode ser um jornal que não seja comunista". Ele disse: "não, por mim, tudo quanto tiver o retrato de Stálin pode prender". Prendeu a revista Times. Isso deu uma confusão. Quando o delegado viu, mandou devolver. Era assim, a violência não media distância. Na grande repressão fui preso, para dar detalhes sobre a minha pessoa. Querem que eu acuse o rapaz sem saber, não sei de nada e é cliente, distribui o jornal A Folha, eu sou vendedor de jornal, vendo e não tem problema, não tenho nada com a vida dele, o conheço, um rapaz de respeito e pronto. Esse Pedro, há uns anos em que estive em Recife, eu vi. Estava vivo, ainda vendendo o jornal nas bancas. O filho dele era responsável e presidente dos gazeteiros no Recife. Mas eu nunca fui preso

sem reagir. Protestava, gritava. E outra coisa: no tempo da campanha do Petróleo, a juventude e os comunistas faziam a campanha de um modo geral. A gente fazia a reunião na igreja Santo Antônio, onde eu batizei Vladimir. Era lá que fazia a maioria das reuniões. A gente sentava, todos os companheiros e a gente conversava. Teve uma vez, me lembro do miserável do Ministro que foi lá e era do lado da reação, dos americanos, um Ministro, era um cara indesejável e a gente fez uma porção de legendas (pichações). O partido fez publicação no estado todinho contra essa presença. A gente preparou um enterro simbólico com o nome do cara no caixão. Pronto, era cacete mesmo. Eles prenderam um bocado de gente e dessa vez, por sinal, eu não fui preso. Caí fora antes. Eu era preso sempre. Os próprios companheiros mandavam que discutisse só dentro da igreja e depois saísse. Sabia que ia dar cadeia, caminhando pela rua principal com o enterro. Muita gente seguindo na rua, muitos viam e entravam também. Chegou, dissolveu, meteu o cacete, parecia um enterro mesmo. Um caixão grande. Fui fotografar, para a imprensa. O caixão era preto, tinham escritos em cima, protestos contra o Ministro. Era sério mesmo. Prisões pelo Relatório do DOPS em 1953, 15 de janeiro, 06 de fevereiro, 21 de Abril. O primeiro filho, Vladimir, tinha 11 dias, essa prisão eu não lembro. Lembro de uma que eu estava na rua, em um feriado, olhando vitrine com um Companheiro Seminarista que trabalhava na Folha do Povo, ele era Cearense e estava morando lá em casa, nós estávamos vendo vitrine e um policial que o conhecia, não era violento, prendeu eu e o

rapaz. Era a primeira vez que ele ia preso. Tinha poucas pessoas na rua, era feriado. Eu ainda tentei reagir, protestar, mas o policial disse que nada ia acontecer, não teria problema algum, era só para explicar o que eu estava fazendo ali. Nessa vez, xingaram o rapaz dizendo que tinha um novato. Dessa vez não houve tortura, e no outro dia fomos soltos.

Prisões em 1953. No Relatório da DOPS, uma em janeiro, uma em fevereiro, uma em abril, uma em julho, e outra em outubro. Os motivos eram sempre por estar fazendo agitação. É impossível eu relacionar tantas prisões, não tenho muitas lembranças de outros fatos que aconteceram no ano de 1953. Só se eu ver o histórico da Polícia. Por isso ou por aquilo, eu me lembro bem que uma vez um cara comentou que foi preso tantas vezes que um delegado ou policial disse: "este elemento não pode estar solto, porque é perigoso». Vi ele dizer isso, não sei se era policial. Quando eu estava sendo interrogado das campanhas do Petróleo, em seguida, vieram problemas das guerras da Coreia. Houve um grande movimento no Nordeste, inclusive em Pernambuco. Saindo mais por Pernambuco, fazia-se abaixo assinado, fazia-se isso, aquilo outro, protestando quando fulano de tal que foi preso. Quando eu ia preso, havia protesto no Congresso, na Câmara Federal. Em todo o Recife havia protesto. Em todas as vezes que fomos presos, um bandido desses a que pertenceu os arquivos, que tirou tudo, escondeu, guardou, sumiu, era sempre assim. Todas as vezes havia protesto no congresso, dada a influência. O pessoal se

admirava como é que eu saía tão rápido. Nunca peguei o processo na Ditadura. Eu fui absolvido. Nem consta nos arquivos porque eu era perseguido sem fazer coisa alguma. Outra coisa foi a segurança que tive de nunca assinar depoimento. Tem essa prisão quando eu fiz o Curso Stálin, uns cinquenta dias ou sessenta dias trancado em lugar ignorado e que a polícia fazia caminhada, e quem conduzia era o elemento traidor do partido, sem ninguém saber outra coisa, que disse a você, a campanha financeira, eu visitava, não escolhia qual era a ideologia dele, eu só queria divulgar o jornal, as campanhas do Petróleo, visitava Presidente da Câmara, Juiz, Promotor, empresário, visitava todo mundo antes de escolher quem era a pessoa. Isso para divulgar a nossa campanha, os protestos da invasão dos Americanos. Queriam tomar a base de Fernando de Noronha. Botar as forças deles lá para fazer uma base de segurança deles. E na campanha, quando foi a guerra da Coréia, foi uma das maiores campanhas que se fez, protestando contra envio do Exército brasileiro para lá. Fazia campanha desse tipo. Sempre contra os americanos, sempre contra essas invasões, essas tragédias, campanha por esse negócio da Amazônia, que é um absurdo, contra esse negócio da exploração de madeiras. Uma vez foi arrendada uma parte para um americano. O cara explorou, foi só por um tempo, e eles fizeram grandes plantações de arroz. Tem uma área que é do maior plantador de arroz do Brasil que mandam de navio para cá. Vem de navio o arroz da Amazônia. E sempre tinha protesto em defesa da Amazônia, protesto da guerra de Fernando de Noronha. Quando o pesso-

al era preso, se fazia protesto. Quando havia uma coisa grave da invasão estrangeira, mesmo quem era do bloco do Partido, se fazia abaixo assinado. O pessoal mobilizava campanhas, comício relâmpago, sempre se fez isso no tempo em que o partido tinha liderança.

Em Beberibe, certo dia, eu saí para conversar com o pessoal do partido. Foi nesse dia que houve um grande terror, já tinha mais de cinco mil pessoas presas, ligadas aos movimentos do Partido ou ligadas aos movimentos que o partido liderava. Em toda parte de Pernambuco, geral, eles deram batida. Nesse estado de sítio para prender, eu vi que o negócio estava quente e fui para o jornal, A Folha do Povo. **Acho que isso foi no ano de 1955.** Vladimir tinha dois anos. Foi quando eu saía para a Folha do Povo para comunicar à direção do Partido que tivesse cuidado, procurasse evitar guardar documento sério do Partido e pessoas que pudessem ser presas, podiam se refugiar porque a situação era muito grave. Quando eu volto, era aproximadamente meia-noite, chego em casa (eu morava em uma casa que só tinha um quarto e uma sala, na sala dormia meu filho mais velho, Vladimir, na rede), não tomei nem café, entrei para dormir. Passei por debaixo da rede, entrei no quarto, fechei a porta. Não demorou dez minutos a polícia bateu na porta. Quando eles começaram a bater na porta eu senti logo que era a polícia. Desliguei a luz e fiquei vendo o resultado. Bateram, bateram... "Abra a porta! Abra a porta!" Eu não vou abrir a porta porque isso é um absurdo! Se vocês quiserem tragam o mandado de prisão que é o certo. Sem mandado de prisão eu não vou preso. "Se você não abrir

eu vou botar a porta adentro.” Meteram a porta abaixo e foi aquela confusão. O tal “Henrique x9” (o que tinha sido estudante comunista, policial infiltrado no partido), foi quem entrou na frente e tentou fazer uma agressão à minha esposa. Ela começou a reclamar, ficou em pé. O policial que estava comandando, era um delegado, tinha até visitado a União Soviética, passagem dada pelo Partido. Então esse delegado e os outros me arrastaram preso para a delegacia de Beberibe, que era fim da linha do Transporte. Quando chego lá, o Henrique foi quem mais me espancou. Fiquei umas três horas, cabo de três horas. Também só fui espancado na ida pelo Henrique. Quando foi umas três horas, mais ou menos, me levaram para delegacia central para o BRASIL NOVO, na rua da Aurora. Lá não tinha mais onde botar preso. Superlotado em todo canto. Começou a chegar gente presa, foi um terror. Até três, quatro, cinco dias depois. Nessa prisão, passamos mais de um mês, eu me lembro. Até que, quando estava perto de me soltar, era carnaval. Agora o drama maior foi quando estava preso no BRASIL NOVO: espancamento, torturas... Eles levaram todo o dia, saía Brasil Novo, entrava a central de Polícia na rua da Aurora, andava de uma rua para outra e por trás tinha saída também, época de Getúlio, então eles espancavam e torturavam, tinham métodos diferentes de tortura. Tinha elementos da Alemanha ou dos EUA para ensinar torturas diferentes. Era um cacete de borracha, antigamente era de madeira mas, nesse tempo, eu lembro uma vez que era de borracha. Começava a desaparecer gente todo dia. Saía sempre uma pessoa para ser espancada

sem ninguém saber, em lugar ignorado. Quando voltava, o sujeito vinha arrasado, porque eles davam muito. Tinha uma tortura que era a do cacete no solado dos pés. Quando o sujeito voltava não tinha condições de sentar os pés. Chegava arrasado, segurado. Então eu tive uma ideia. É preciso transmitir para fora. Os familiares quando vinham fazer visita e trazer lanche, trazer as coisas que eram permitidas, os policiais examinavam muito, em prato fechado, vasilha grande. Eles botavam até para ver se tinha faca, se tinha coisas. A polícia fazia essa investigação. Um certo dia de visita, logo a seguir, eu transmiti para minha esposa. Eu preparei um código. Transmitimos para as famílias e para o pessoal todinho que viesse visitar, sempre trazer sabão na vasilha. Mandasse sempre uma vasilha pequena, uma lata, quando mandasse as coisas não esquecer o sabão. E eu disse a ela porque a gente ia orientar cada família para examinar o fundo da panela devolvida, e se no fundo não tiver o sabão, esse foi para a tortura, em lugar ignorado. Isso funcionou. Foi uma novidade maior do mundo. Funcionou porque ninguém tinha notícia, e de repente o Jornal Folha do Povo, que era um jornal diário, começou a noticiar dezenas de torturas. Começou a funcionar. O jornal começou a dar notícia diariamente: “Fulano de Tal preso, está sendo torturado em local ignorado.” Talvez até para ser assassinado. Endoidou a polícia que queria saber quem estava transmitindo notícia para fora. Foi uma confusão danada. Eles mudaram de guarda, trouxeram de outros lugares, começaram a mudar a guarda

todo dia e trazer gente até de outros municípios que não tinham muito contato lá para fazer isso. Mas continuou. Continuaram saindo as notícias.

Esse estado de sítio não foi em todo Brasil, não. Foi só onde tinha foco em que eles achavam que era de comunistas. Essas cadeias demoraram muito tempo. Vêm os interrogatórios. Eu não contei. Eu tenho certeza que tinha dia que eu subia três vezes, quatro vezes para ser interrogado. Eu me lembro uma das vezes, logo no princípio dessa tortura, tinha um rapaz que era presidente do Sindicato de Moreno, uma fábrica do interior, perto, no mesmo caminho que vai para Jaboatão dos Guararapes. Essa cidade, antes, se chamava Moreno, onde tem um parque industrial têxtil. Então, o presidente do Sindicato, até no relatório que a DOPS forneceu, tem o nome dele, estava lá. Eu fui obrigado a mais cinco idas às delegacias, depois dos interrogatórios, só para assinar. Eles queriam que eu assinasse a declaração que eu fiz. Eu nunca assinei esses depoimentos que eu dava à polícia, não assinava, só se tivesse um advogado na presença para ele ler, e eles não chamavam o advogado. Depois de ser espancado várias vezes. Ele disse assim: "eu vou chamar aqui um parceiro seu para assinar por você", eu disse que ele não pode assinar porque não estou dando procuração para ele assinar, aí pronto, mais tortura. Teve um fato interessante em que eu fiquei desconfiado. É sobre um dirigente do Partido da Cidade de Caruaru. Um banqueiro de bicho que se chamava Abdias, da direção do Partido lá, ele era de Classe média, banqueiro de Bicho. Esse cidadão tinha um filho de uns dois anos.

A mulher dele foi visitar uma dessas vezes. Trouxeram esse cidadão para ser torturado, para dar depoimento, e ele estava com uma mulher. Pois bem, com ele inclusive a polícia ameaçou de queimar com charuto o filho deles se não dessem depoimentos. Isso eu não vi, me contaram porque eu estava preso em baixo, mas havia muitos boatos, como esse cara que foi torturado, mas voltou sem nada, sem os pés machucados, eu até pensei: ele não vai aguentar se for torturado, carinha magrinho, bem magro, voltou do mesmo jeito. Essa tortura toda foi encenação. Já depois de um mês ou mais, no tempo do carnaval, passamos o carnaval na cadeia, deve ter sido a maior parte, isso tudo lá no **BRASIL NOVO** (prisão), não consigo calcular quantas pessoas tinham presas, estava superlotado, era um prédio, tinha um bocado no xadrez, xadrez grande, era muita gente e só tinha preso político, dessa vez não misturaram com bandidos, a mistura foi logo na fundação do partido, no tempo de Preste. Nesse tempo, tinha os comunistas que vinham de todos os lugares. As perseguições eram só contra os comunistas. Para se ter uma ideia, a gente não podia nem ter amizades, muitos eram só amigos dos comunistas que chegaram a ser presos.

**Prisão de um
Jornalista**

Ontem à tarde, na rua da
Palmira, a polícia política do sr.
Mário Lins prendeu violentamente o jornalista Antônio
José Dantas, gerente da revista
"Folha do Povo", nesta
cidade.

A prisão, feita em plena rua,
despertou vivos protestos po-
pulares, tendo imediatamente
se mobilizado uma comissão
para ir à Secretaria da Segu-
rança exigir a liberdade do
preso chinês.

Folha do Povo
1-4-1954

Pront. 11599
Antônio
Jose' Dantas

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Carvalho
Mol. 4056 7

11599

ANTONIO JOSÉ DANTAS

Tomou parte saliente, ontem no "Teatro
Almare", onde se realizava a conferência contra o "A-
cordo Militar Brasil Estados Unidos" promovida pelos
comunistas desta capital, cujo conferencista, foi o
Coronel Salvador Benevides.

Recife, 7 de Fevereiro de 1953.

Antônio José Dantas
Com. Espionagem

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Carvalho
Mat. 4096-7SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA AUXILIAR
PERNAMBUCOL.O.-77
7592

Ilmo. Snr. Comissário da Delegacia Auxiliar.

"Parte:"

Com esta, informo a V.S., que hoje, cerca das 9 horas, por ocasião de passar pela porta de sala onde funciona a agência de revistas "CAPIBANIBE", ali se encontrava uma turma de uns 9 ou 10 elementos, os quais, assistiam atentamente, uma espécie de aula, ministrada pelo conhecido agitador comunista, ANTONIO JOSÉ DANTAS.

Recife, 31 de Julho de 1953.

Moacyr Santa Cruz
Moacyr Santa Cruz. Inv. nº 178.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Carvalho
Mat. 4096-7SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA AUXILIAR
PERNAMBUCOL.O.-77
7592

Ilmo. Snr. Comissário da Delegacia Auxiliar.

"Parte:"

Quero fazer ciente a V.S., por intermedio da presente, de que o comunista ANTONIO JOSÉ DANTAS, anda usando o nome do Secretario da Segurança Pública, da seguinte maneira: Por ocasião de apreender certa quantidade de revistas, fiz ver ao caçateiro, que se ele continuasse a revender, a coisa não seria boa para ele. O referido jornalista, declarou que o Sr. Dantas, havia dito, que já havia entrado em entendimentos com o Cel. Secretario, e tudo tinha ficado resolvido. Podia vender.

Recife, 14 de agosto de 1953.

Moacyr Santa Cruz
Investigador nº 178.

DELEGACIA AUXILIAR

RECIFE, 9 DE FEVEREIRO DE 1954.

RELAÇÃO DE MATERIAL DE PROPAGANDA COMUNISTA:REVISTAS APREENDIDAS EM PODER DO MILITANTE COMUNISTA ANTONIO JOSÉ DANTAS, EM DIAS DO MÊS DE NOVEMBRO DO ANO DE 1953.

- 7 U.R.S.S. Nº 34.
8 U.R.S.S. Nº 35.
363 U.R.S.S. Nº 36-37.
347 U.R.S.S. Nº 38.
226 U.R.S.S. Nº 39.

REVISTA PROBLEMAS APREENDIDAS NA "AGÊNCIA CAVENDISH" EM PODER DO AGENTE ANTONIO JOSÉ DANTAS, EM DIAS DO MÊS DE DEZEMBRO DE 1953.

450 PROBLEMAS Nº 50.

21 " Nº 51.

60 MUNDO ESTUDANTIL Nº 7-8.

21 " " Nº 10.

13 " " Nº 11.

6 BOLETIM DE INFORMACION, DO III CONGRESSO MUNDIAL DE ESTUDANTES.

9 POR LA AMISTAD Y LA COOPERACIÓN, XII CONGRESO EN VARSOVIA.

2 LIVROS IMPRESIONES DE LA UNIÓN SOVIÉTICA

1 " ESTRADA DA LIBERDADE, DE ALINA PAIM.

2 " CARIERS DU COMMUNISME, Nº 9-10.

1 " EM MARCHA PARA O COMUNISMO.

20 JORNAL "DEMOCRACIA POPULAR"

350 " "FOIHA DO POVO".

120 " "VOZ OPERÁRIA".

1 LIVRO A FORMAÇÃO MORAL COMUNISTA.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Cavalcão
Mat. 4066-7

COMISSÁRIO AUXILIAR.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA - PERNAMBUCO.

DELEGACIA AUXILIAR

MATERIAL APREENDIDO EM PODER DO AGITADOR COMUNISTA ANTONIO JOSÉ DANTAS, NO REQUÊITO VINTA DA CURIA, EM 10 DE NOVEMBRO DE 1954.

- Caderneta de notas "Brasil Companhia de Seguros Gerais"..... 1.
Jornal "Voz Operária" 1.
Jornal "Folha do Povo" 2.
Jornal "Democracia Popular" 1.
Jornal "Imprensa Popular" 1.

RECEBUEMOS
O MATERIAL
EM 10 DE NOVEMBRO DE 1954

Recife, 10 de novembro de 1954.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
ARQUIVO PERMANENTE
Frederico Cavalcão
Mat. 4066-7



Capítulo 5

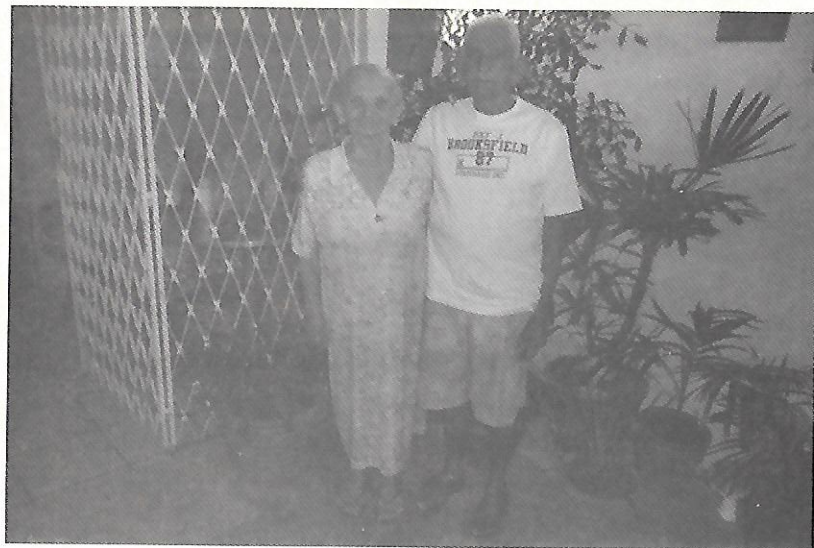
Movimento Sindical Rural

*Luta pela reforma agrária, ato político nas ruas
do Nordeste, uma mobilização constante*

Elizabeth Teixeira

"Os primeiros momentos que nos conhecemos foram marcados por muitas lutas no movimento. Das ligas camponesas até o regime militar, perseguia quem tinha opinião na política, a favor dos trabalhadores. Assim descrevo o companheiro Dantas, como um homem combativo, em prol da luta dos camponeses. Os momentos mais marcantes em que estivemos juntos nas lutas, formam quando nos encontrávamos para traçar as estratégias políticas de ação e mobilização dos trabalhadores do campo, pelas melhorias das condições de trabalho e de salário. A mensagem que podemos levar para as novas gerações, nos dias atuais, sobre as conquistas que a sociedade alcançou, podemos afirmar que são vitórias também da nossa geração.

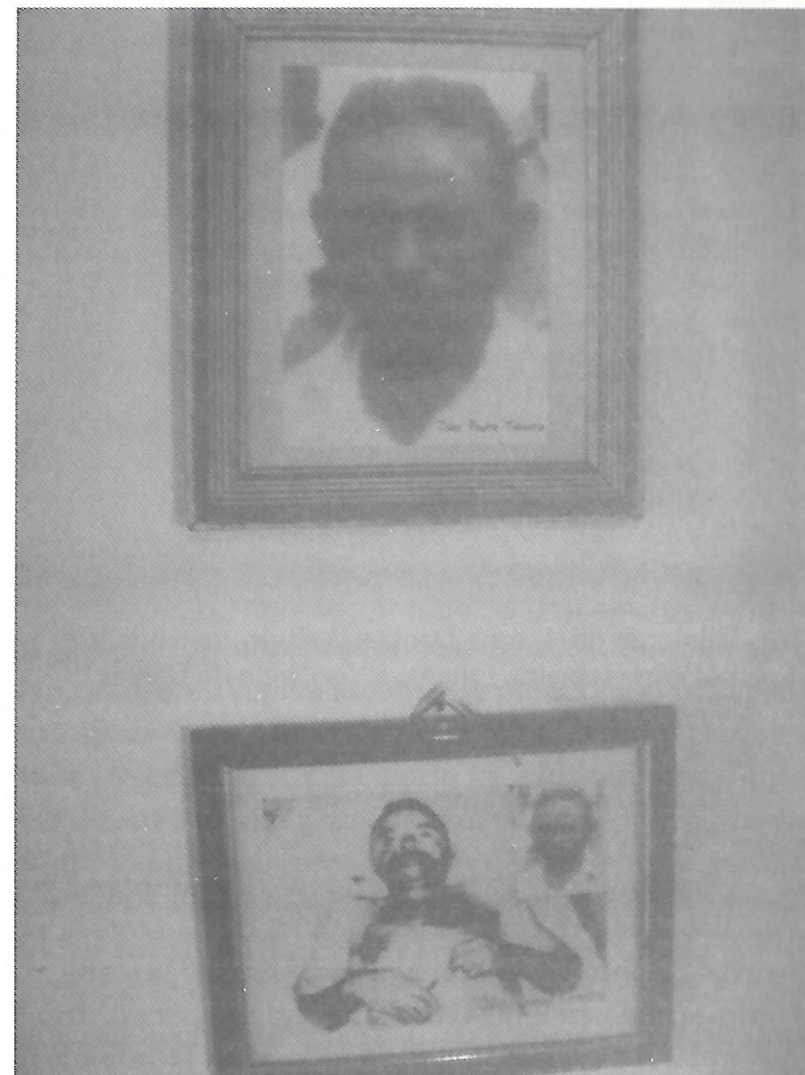
A luta de Antonio Dantas, João Pedro Teixeira, Nego Fuba, a minha também e tantos outros companheiros que lutaram ou mesmo deram suas vidas, no combate às desigualdades e ao regime na época, promovendo mudanças que as novas gerações são presenteadas com uma sociedade mais justa, fruto do envolvimento de tantos companheiros que lutaram por estas conquistas atuais."



Elizabeth Teixeira e Antônio Dantas: memória viva



Memorial das Ligas - imagens na parede:
elizabeth e filhos de luto.



Memorial das ligas - imagens na parede:
duas fotos de Pedro Teixeira, em vida e assassinado.



Memorial das Ligas - Dantas, Walmir, a neta de João Pedro Teixeira, Juliana, e Yuri, neto de Dantas.

O movimento camponês - as Ligas

Eram muitas as ações, o exemplo da campanha pelo Petróleo, sempre com muitas atividades de massa nos bairros, a população aceitava todo fim de semana, dia Santo, feriado, mobilizava o bairro inteiro para distribuir os jornais, conversar, fazer reuniões com as comunidades, o pessoal despertou, se educou. Outra fase foi a mobilização das ligas camponesas, por exemplo, eu tenho lembranças, eu tinha uns 12 anos, isso antes de ir para a casa do senador, em Santa Rita, eu já vivia essa tragédia de camponês sendo explorado, na época do corte da

cana, e vinha gente de todo canto para ganhar dinheiro, porque era um ganho certo para o plantio da cana, para colheita, para mobilizar em um tempo que nada era mecanizado, era tudo feito manualmente. Os camponeses vinham e ficavam naquelas casas que pareciam Senzalas do tempo dos escravos. Ali juntava tudo, traziam suas redes, dormiam tudo pelo chão, trabalhavam a semana toda, nos domingos descansavam, quando completavam um mês pegavam o dinheiro que ganhavam e levavam para suas famílias, depois voltavam em seguida, era sempre assim.

Eu fui testemunha que até hoje não me saiu do juízo. Uns cinquenta trabalhadores dentro da senzala, com instrumento de trabalho no canto da parede, me lembro do nome do Administrador: José Martins, um cara alto, alvo, manso, eu ia para lá com esse rapaz que vendia pão, para ajudá-lo na feira. Na sexta-feira, a gente chegava tarde, ele passava a noite quase toda jogando rifa. Num belo dia, não foi nas primeiras semanas, estava perto do dia do matuto sair para levar o dinheirinho, ir rápido para poder voltar logo, dependia da distância, vinha de todo lugar, até do Recife e da cidade vizinha, Goiana, então, nesse dia, quando amanheceu, um dos trabalhadores acordou chorando, foi logo na casa do administrador chamá-lo para contar a tragédia que aconteceu, roubaram o dinheiro dele, estava amarrado no lenço, dentro de um saco, encostado na parede, onde ele guardava os troços, foi contar a história chorando, levaram o dinheirinho dele todinho, tinha recebido até adiantado no sábado, o Zé Martins foi conversando: "quem tiver com

dinheiro do homem bote aqui, entregue porque se não o negócio vai piorar". Conversou, conversou todo mundo, ninguém falava e o cara chorando, e o Zé Martins deu mais uma aviso: "você não querem dar o dinheiro não, eu vou dar um prazo de meia hora para entregar esse dinheiro, se eu vier aqui e não tiver entregue, eu vou comunicar na Usina". Só foi o que deu, o dinheiro não foi entregue, ele foi na Usina, chegaram dois caras a cavalo, e outra coisa, só tinha porta de entrada e outra de saída. Por trás os caras entraram: "quem é o homem que tá chorando? Ainda dou três minutos para que bote aqui, para entregar ao homem, se não, o negócio não vai ficar desse jeito". Foi cacete, nunca vi, eu saí para não ver os caras dando nos homens, eu nunca vi uma covardia, tanto instrumento de inchada, dois caras batendo no pessoal e eles não reagiam. Quando iniciei as minhas atividades no Movimento camponês, na fase das Ligas, em todas as atividades eu sempre contava esse fato, falava nos sítios o que aconteceu. Você tem que se organizar para defender os seus direitos, você que faz a riqueza, é a força de trabalho do homem que faz a riqueza do Brasil. O povo se educava cada vez mais, reagia à polícia, reagia ao latifúndio, reagia a tudo e a todas as injustiças. O Brasil inteiro soube das lutas que se alastravam na Paraíba, porque houve educação do movimento camponês, que se mobilizou, embora se pagassem muito alto pelos assassinatos dos companheiros, os poderosos matavam muita gente, mas pelo menos ficou o fruto da educação política, muito se conseguiu e ainda hoje, os avanços trabalhistas e sociais acontecem graças às lutas. Muitas das

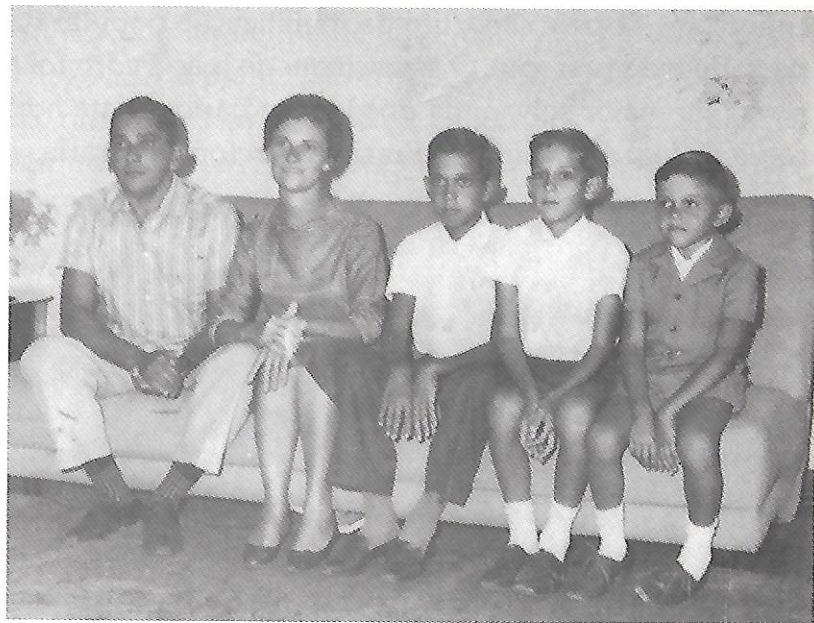
conquistas de hoje são fruto da mobilização popular do passado e do presente. O assassinato de João Pedro foi a prova da maior selvageria dos latifundiários, e até hoje serve de legado na luta no Brasil pela reforma agrária.



Movimento das Ligas Camponesas



MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra



Dantas, Tereza e os filhos: Vladimir, Walter, Walmir.
Início dos anos 1960

Capítulo 6

A Mudança de Recife para João Pessoa

Pedro Osmar



Antônio Dantas e o artista multimídia Pedro Osmar conversam sobre o livro Memória Militante

“Conheci o seu Dantas em 1974, quando fui trabalhar numa fabriqueta de bolsas, mantida pela família na Rua Silva Jardim, centro de João Pessoa. Ali, através da

amizade com o filho Vladimir Dantas, com quem trabalhei em sua oficina de serigrafia durante muitos anos, pude conhecer mais de perto a sua família, sua esposa, dona Teresa, e seus outros filhos (Walter, Valmir e Teresa), que moravam numa casa grande em cruz das armas. Muito aprendi com todos eles profissionalmente, mas só fui perceber que estava diante de um militante comunista de reconhecida importância operária e sindical, aos poucos, com o tempo e com o meu envolvimento profissional com a família Dantas. Fui desenhista arte finalista durante muitos anos para a microempresa deles. Uma geração sucede a outra, e com cada uma vêm os ensinamentos e aprendizados naturais. Em algum momento da história as vidas se cruzam, os diálogos educativos se estabelecem e a vida passa a ser gerada com as contribuições de cada um. É claro que a militância dessa geração que viveu os conturbados anos 50/60/70 é bem diferente e bem mais complexa, pois teve diante de si a obrigação da construção de um momento político que foi fundamental para que soubéssemos hoje quem foi, e o que ensinou figuras como Antônio José Dantas no cenário clandestino da política nordestina. Seu foco foi sempre a militância partidária do comunismo de base, exercida em toda a sua integridade por anos a fio, na condução de um trabalho que o levaria a ter o destaque que conhecemos."

Mudança Recife / João Pessoa

A mudança de Recife para João Pessoa foi em meio a uma crise muito grande no Partido. Crise no financeiro, eu pedi para voltar à produção, para trabalhar, nessa fase eu encontrei um conhecido, ele trabalhava com agência que fazia propaganda política, um gaúcho. Me chamou para trabalhar com ele, viajamos para Campina Grande, onde acontecia uma campanha eleitoral muito grande. Na época, Miguel Arraes era candidato em Pernambuco e apareceu esse cidadão chamado Albano, que trabalhava com propagandas políticas, estava fazendo a campanha de Miguel Arraes e foi para Campina Grande, para fazer Campanha lá, a gente foi de avião, nesse tempo tinha esses aviões do tipo teco-teco, dois motores, de Recife para Campina. Eu fiquei no hotel com ele, e como tinha muito conhecimento lá, pois morei em Campina muito tempo, e conhecia o pessoal todinho, até o seu Cabral, pois a esposa dele era minha cliente quando eu vendia romances, homem rico, era representante da Chevrolet, um grande comerciante, mas semi-analfabeto. Quando chegamos lá, o publicitário fez uma análise de quem deveria ser o candidato. Foi já diretamente com o Nilton Rick, que era o candidato da época, filho do velho Rick, esse pessoal também era muito rico.

O outro candidato era o "Seu Cabral", e como me conhecia, me chamou e perguntou porque a gente não fazia a propaganda dele. Eu disse que era porque o chefe Nilton Rick já falou. Apresentou um plano de propaganda do Nilton Rick, reunimos várias vezes, apresentou o

plano por escrito e, dias depois, fomos saber do resultado, o Nilton Rick disse: "nós aceitamos o seu trabalho se for com uma orientação". E falou um nome que não lembro, disse que ele estava entrosado com esse grupo, o publicitário era ignorante, era grosso e disse assim: "eu não trabalho com orientação desses ladrões, desses vigaristas", esculhambou com o cara e o negócio acabou-se, e disse mais: "se for com essa orientação nós não queremos", acabou com a reunião. Nilton Rick pagou todas as despesas do hotel, deu a passagem de avião e mandou a gente vir embora. O candidato Nilton Rick ganhou a eleição.

Ainda nessa fase de desemprego foi quando surgiu a oportunidade da VULCAN. O cidadão que botou no emprego era inspetor geral da Vulcan. Esse rapaz apareceu e veio a João Pessoa, me procurou, porque era companheiro do movimento nacionalista e trabalhava com os generais. Era quem organizava os Jornais Emancipação. Ele era de esquerda, esse homem me procurou muito, foi na direção do partido lá em Recife, o pessoal não sabia qual hotel eu estava, e eu estava lá com Nilton Rick. Ele estava organizando a venda da Vulcan - uma indústria multinacional de plásticos. A vaga do litoral, ele queria que fosse minha, mas não me achou, já tinha distribuído, e quando me achou, só tinha uma vaga para o sertão, tinha escolhido um rapaz que tinha uma perna meio aleijada, que ele escolheu para o litoral. Finalmente eu me encontrei com ele no cafezinho em João Pessoa. Quando ele já estava se preparando para voltar para o Rio de Janeiro, preencheu tudo, só tinha uma vaga que

era para o Sertão. Ele me chamou para conversar numa mesa, assim ele disse: "mas rapaz, eu fiz tudo para lhe encontrar, já está tudo preenchido, só tem o Sertão". Eu disse: "o sertão eu não quero, porque além de ser muito longe, eu tenho problema em Recife, tenho que estar em uma cidade perto, que eu possa ir de quinze em quinze dias". Ele disse: "eu vou ver se dou um jeito". Falou com o Paulo Silva, que era gerente. E me levou na presença dele e disse: "Paulo, eu tenho um problema, tem esse rapaz com determinação da própria fábrica para botar ele para trabalhar. Vamos tirar esse rapaz do litoral e botar para o sertão, era solteiro, então o Paulo não tinha outro jeito, por determinação da empresa. Ele foi para hotel comigo, conversou mais de duas horas e disse ao gerente: "passe um mês de treinamento com esse rapaz. Dantas, você já é empregado, então eu vou encaminhar para a fábrica sua documentação". Eu comecei, passei 30 dias só no escritório da fábrica, em Campina, para conhecer os produtos, conhecer o que eu ia vender, era muita coisa. Com 13 meses, pedi para sair porque eu precisava voltar para continuar o trabalho na zona rural, para defender os trabalhadores rurais. Eu pedi para sair ao gerente, foi ele que me orientou e me ajudou, eu pedi a ele para eu não perder as comissões, eu ganhava salário e as comissões, eu acertei com o gerente para me dispensar para eu poder receber o atrasado. Fiz um acordo com a VULCAN e me pagaram em três parcelas. Eles queriam que eu fosse gerente no Rio Grande do Norte, mas eu não aceitei por causa da política, que era o que eu gostava de fazer. "A luta dos trabalhadores para ganhar salário mínimo, eu conhecia todas as leis."

Na VULCAN, eu trabalhei na área de vendas, da capital até Mamanguape. Eu saí porque queria ir defender os trabalhadores na zona rural, era minha missão pessoal, porque o trabalhador nesses tempos não ganhava dinheiro, era uma miséria, trabalhava o dia todinho para fazer uma conta de 12/23, às vezes até 6 horas, e ainda levava o menino de dez anos para ajudar e quando terminava esse dinheiro só dava para comprar uma carta de bacalhau no barracão, era uma miséria total, não ganhava dinheiro, o trabalhador só começou a ganhar dinheiro com as ligas camponesas, depois que se organizava, porque o pessoal comparecia, a liga de santa Rita chegou a ter mais de seis mil filiados, muita gente.



Fidel e Che Guevara, líderes da Revolução Cubana, em 1963

Capítulo: 7

Viagem à cuba

Recebi um convite para ir ao exterior, isso ficou marcado. Miguel Arraes estava nos últimos meses de governo, foi em 1963. Viajei para exterior, fui a Recife com um Advogado e a Elizabete Teixeira foi comigo. A gente não esperava essa provocação quando chegamos lá, às duas horas da tarde, para passar visto no Passaporte. Na Paraíba não fazia isso, o cara fez uma provocação tão grande, um Delegado disse, "se eu lhe encontrasse na rua, eu metia você na cadeia, porque você não pode estar solto, você é elemento perigoso, não sei como a senhora anda com um elemento desses", provocou-me dentro da Delegacia, eu com advogado. Saí imediatamente, o cara não atendeu, não quis dar o visto do Passaporte e fui ao Palácio. Por sorte o governador Miguel Arraes estava lá, falei, expliquei que o homem não queria me dar o visto, ele mandou um secretário de Gabinete dele, mandou comigo, deixei Elizabete, e o advogado foi comigo, o Miguel Arraes mandou por escrito, lembro-me como se fosse hoje "Senhor Delegado, o portador dessa tem uma viagem que é de interesse do Governo do estado de Pernambuco". mesmo assim, quando eu voltei lá o Delegado já não estava mais, o Delegado substituto, disse "diga ao Governador que o titular vai estar de plantão

amanhã, só ele pode mandar, assim que receber a ordem, imediatamente eu passo o visto e mando no primeiro avião que viaja ao Rio de Janeiro”, eu estava com a passagem para viajar ao Rio no dia seguinte, viajei quando cheguei no Rio de Janeiro, eu tinha deixado o endereço onde eu queria que entregasse o passaporte, era na redação do jornal e sede das Ligas, mas logo cedo fui avisado para procurar no Balcão da companhia aérea, peguei o documento e, finalmente, estava pronto para viajar. Isso era no fim do mês de São João (Santana). Viajamos no dia 24, de madrugada, foram oito horas de viagem, oito horas de voo, sem contar com duas horas que passamos em Barbados. Barbados era de domínio da Inglaterra, não tinha sido libertada ainda, ocupada pelo Governo Inglês. Colônia na África, falavam Português. Quando o Avião Chegou lá para passar o visto, sei que passamos duas horas, subiram no avião muitos soldados ingleses, eles usavam somente Bermudas, olhando para cara de um em um, depois dessa revista foi permitido descer, ficamos sentados em uma sala, duas horas depois, o avião levantou voo. Chegamos em Cuba dia 25 e no dia 26 de 1963 era aniversário da Revolução. Quando faltava uma hora para chegar em Havana, a Aeromoça deu a notícia: “dentro de uma hora nós estaremos aterrissando no Aeroporto internacional José Martins, e a delegação Latino Americana vai ser Homenageada”. Chegamos a Cuba e fomos direto para um hotel para nos prepararmos, quando logo veio um aviso para toda a delegação Latino Americana se dirigir para um salão enorme do hotel, e foi anunciado que dentro de uma hora toda a

delegação estaria convidada para ser homenageada pelo companheiro Fidel Castro, no Pack, no Solidarietà, um Clube imenso. Os ônibus vieram buscar a todos e deixou na porta desse lugar, onde estava Fidel Castro com alguns Ministros. A gente entrando e Fidel apertando a mão de cada um, não faltou ninguém, dando boas vindas à delegação Latino americana, muitos brasileiros. Depois de recepção, comida, falatório, todo mundo nesse evento, ele não falou muito, improvisava, dava boas vindas, tinha muita gente, dava uns oito ônibus, isso foi de noite, saímos do clube bem de madrugada, houve recepção, comida, bebida, não faltou nada.

No dia seguinte, 26, que era aniversário da Revolução, teve muitas atividades: encontro com ministros em um Parque, para plantar árvores e botar o nome da delegação da pessoa, de uma instituição. Eu plantei, botei o nome das ligas camponesas, de representantes das ligas camponesas, plantei bem umas dez. Tinha um companheiro que andava comigo, Oracir Ferreira Dias, Jornalista de João Gullar, esse camarada contou toda a vida de João Gullar, e fomos plantar as árvores. Depois de almoçar e na parte da tarde ouvi o presidente comandante falar seis horas, de fala improvisada, na praça, e parecia que tinha o povo todo de Cuba, tamanha a multidão, havia ampla liberdade, a reação dizia que os que fossem, não receberiam a cesta básica, mas era tudo mentira, esses bandidos que inventavam, passei trinta dias em Cuba, uns quinze em Havana, ficamos o dia todo nesse comício porque de manhã já tinha plantado as árvores, comício de seis horas, terminou já quase de noite, a gente

volta para o hotel e quem quisesse se divertir, ia para os clubes de danças, dezoitos salões, que antigamente eram jogos e agora era de dança e homenagens.

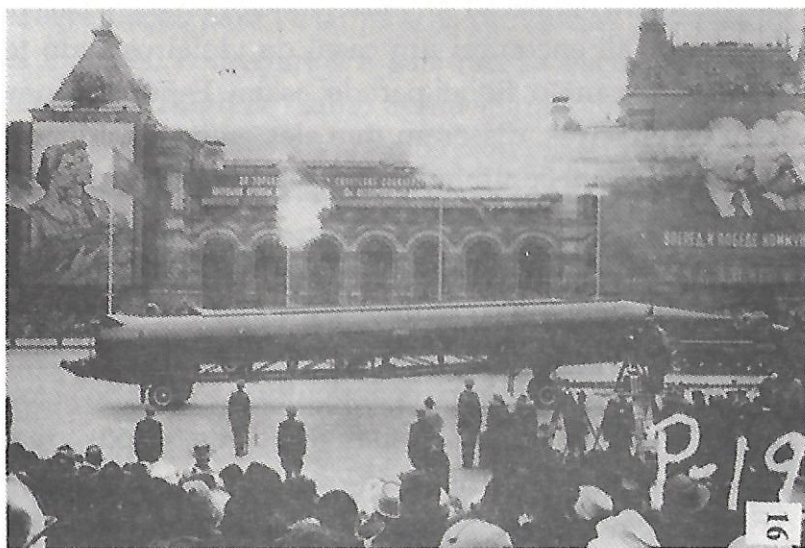
Ambiente para as delegações se confraternizarem tinha dança de todo tipo, mais era Rumba, nesse dia não dancei, fiquei só olhando dancei no dia da despedida, nesse dia eu ficava só olhando, estava acanhado. Fomos visitar a casa de um operário, todos os dias tinha uma excursão para conhecer os lugares onde as pessoas quisessem ir, era só para falar a delegação. O guia, ele fazia um cronograma todinho com as delegações para saber quem queria fazer isso ou aquilo, uns queriam viajar de avião, outros de ônibus, tinha problemas para fazer a excursão, a maior parte era de ônibus, o pessoal queria era conhecer. Eu, pelo menos, e a delegação que eu estava, ia sempre junto. Depois de quinze dias em Havana veio a programação para viajar para as províncias, aos estados, às cidades, começamos a sair nessas excursões: Santa Clara, São Tiago de Cuba, Santa Clara.

Antes em Havana, saímos para visitar os operários, eles marcavam as cidades e a gente ia visitar e ver como eram tratados os operários. Quando chegava lá toda a delegação, que ia no ônibus, eles mandavam para uma casa, naturalmente o pessoal já estava preparado, mandava para uma casa para almoçar, ia para lá, almoçava, o cara dava boas vindas nesse tempo, estava racionada a situação. Uma cidade que chegava perto, dava para ver a Guantánamo, base militar americana em solo cubano. De longe dava para ver a iluminação da base, na época, para essa base dos Americanos. A água tinha que ir

de Cuba, da Capital, também só a alimentação deveria vir dos EUA, mas o abastecimento de água e energia era de Cuba. Depois de visitar o Estado todinho, as províncias em todo canto, a gente era homenageado, eu não me lembro, parece que foi em Santa Clara, já na última cidade que a gente foi, tinha uma universidade, mas no processo geral teve uma cidade que eu me lembro bem, uma cidade portuária, mas essa foi a que marcou em Cuba, ainda era uma cidade portuária em Cuba, onde eu fui cortar o cabelo, em uma barbearia, encontrei uma cidadã que me convidou para ir à casa dela, marcou a hora, mandou um carro me buscar, nessa visita foi com Elizabete Teixeira, ela era viúva, o marido dela já tinha sido assassinado, isso em 63, essa cidade onde eu encontrei essa cidadã era a cidade portuária, tinha um porto, estava quente, também saí para passear, fui até o cais do porto, por ali encontrei um casal de violeiros tudo tocando lá no cantão, fiquei parado, assim. Especulei como eram os violeiros, disseram que eles eram funcionários do Estado, eram contratados para ensinar, naturalmente cultura.

Fomos também para a casa de um homem que se chamava Fidelito. Ele era do regime da Ditadura de Batista. Era um homem que tinha uma oficina, que fazia toda peça de reposição para agricultura e quando estourou a Revolução, foi um homem que aderiu, pôs toda a indústria dele à disposição do Estado. Passou tudo para o Estado, passou de boa vontade. Naturalmente era uma pessoa evoluída. Chegamos lá, um luxo, a casa do homem. Um luxo mesmo! A esposa dele, uma senhora bem

arrumada. A mulher só perguntava: “companheiro, na sua pátria a gente pode comprar muitos pares de sapatos?” eu respondi, pode comprar quantos pares queira. Eu citei o exemplo de ricos: eu tenho um cunhado que na suíte dele encontrei vinte pares de sapatos, sem contar as sandálias. Vinte pares de sapatos, mas em compensação o trabalhador dele talvez não tenha as condições de, durante um ano, comprar um único par de sapatos, porque o sistema é de exploração. Lá o trabalhador não ganha o suficiente que possa comprar o que necessita. Não tem educação suficiente, não tem o suficiente para comprar muitas coisas. Na verdade, quem ganha dinheiro vive bem. O pobre não.



Crise dos mísseis de Cuba

Viajando em Cuba

Começamos a viajar muito por Cuba. Estávamos em Santa Clara. Podia-se ver a base que os Americanos têm lá em Guantánamo, tem essa base passando na estrada, dá para ver. Depois que fizemos essa viagem pelo estado, voltamos para a cidade, faltavam uns 10 dias para gente voltar, então a concentração foi toda na cidade para ver conferências de Che Guevara, para escutar debates, eu assisti ao tribunal funcionar, foi julgado um camarada que era operário de uma fábrica e conta a história dele que era interessante, o julgamento mesmo do tribunal popular, ele era revolucionário e tinha direito de defesa, tinha tudo, funcionava normal, as delegações eram convidadas para ver, a reação espalhava que os presos não tinham direito de defesa, mas todo preso tinha direito de defesa e esse julgamento era para condenar ou para libertar, então esse rapaz era, segundo a história que a gente recebeu para ler, um administrador de setor de negócio, quando estourou a revolução, como ele lidava com o dinheiro, ele assumiu o controle de tudo nesse local, pegou o dinheiro, dividiu a parte com os trabalhadores, mesmo assim, ainda se considerava crime, dividiu o negócio lá com os trabalhadores do setor dele. Foi julgado, o julgamento demorou quase um dia, foi até tarde, ele foi absolvido porque não tinha antecedência nenhuma e como operário cumpria com o seu dever, isso foi um júri, então o homem foi liberto e depois ficamos três ou quatro dias só visitando as igrejas, fomos em todas as igrejas evangélicas, espiritismo (centro espírita),

então foi nesses que a gente visitou um local meio parecido com xangô, essas danças parecendo com aquelas religiões da África, tudo isso tinha lá, com plena liberdade, agora, Padre e Pastor não tinham esse negócio de explorar finanças, o Padre e o Pastor eram funcionários do Estado, a obrigação dele que tem cultura é ensinar cultura ao povo, funcionava desse jeito: a igreja tinha que ter o dinheiro da renda deles, essas igrejas têm Matriz no Vaticano, eram as igrejas, lá não tem esse negócio de explorar o dinheiro do povo não, pelo menos é o que nós encontramos, agora; foi assistir conferências de Che Guevara e de Raul. Sempre assim, palestras, conferências, debates, tudo para falar sobre a revolução.

Nos domingos, quem quisesse, se oferecia para cortar cana e ou apanhar café na beira do campo, quem não quisesse poderia só observar, eu fui cortar cana, não lembro se tinha luvas e botas, as canas eram despeladas, tinha máquina para cortar e despelar. No caso, esse dia de domingo era de folga, mas quem quisesse dava uma contribuição espontânea, íamos de ônibus e o plantio não era longe, o café era mais longe, também tinha agave, a base era café, agave e cana. Também, outra coisa eram as fábricas de tecidos, não eram muito diferentes das daqui, a fábrica de beneficiamento de agave, com as máquinas, não se perde absolutamente nada, aquele retrase todinho faz efeito, fica de uma maneira que dá para a pessoa tomar banho, se esfregar, aquele negócio que faz aqui com melão parece que fazia de agave, não se perdia nadinha, nada, nada. Não tinha muita gente não, era tudo mecanizado, a tecnologia de máquinas lá era

assim, tinha sempre mulheres nas canas, não para cortar cana, isso era mais para o homem, muita gente ia mesmo para visitar o companheiro Vando Lins e Silva, ele sempre acompanhava.

Não foi na minha delegação, mas a gente se encontrava às vezes nessas atividades, ele se ligava mais no pessoal da terra dele, os que não eram brasileiros, às vezes a gente se encontrava em certos cantos nos restaurantes, lá tinha vários hotéis, o Riviera ficava na Capital, no Centro de Havana. Lá ficou uma delegação, parece que só. A gente via vários navios Americanos de Guerra, pertinho, parece que eu fiquei no 4º ou 6º andar com esse rapaz olhando assim para as coisas, quando a gente tava lá, que via os aviões prontos, a perspectiva era enorme, muitas vezes nós ouvíamos as rajadas de defesa antiaérea, pois é, fazia visitas às instituições, a gente visitou tudo, fomos em escolas, universidades, tudo é como em todo canto, a universidade é do povo. Outra coisa, a cidade é cheia de faixas nas ruas, por exemplo, (Nessa Terra não há lugar para desocupados). Quer dizer, todo mundo tem que trabalhar. Tinha uma cidade em uma área que era somente de becado, estudante de fora, cubanos. Agora, a única universidade que conheci foi Santa Clara, uma cidade grande, fui visitar, arrumei uma amizade com uma estudante, o pessoal falava muito bem de Cuba, tinha muitos estrangeiros, não vi nenhum brasileiro, gente de outras nacionalidades, da Argentina, o pessoal falando espanhol, também do Chile e de outros países da América latina.

A revolução aconteceu em janeiro de 1959 e foi até 1963, portanto, quatro anos de revolução. Algumas pes-

soas não comentavam, naturalmente eram do contra, a maioria esmagadora estava satisfeita, não tinha desempregados, mendigos, meninos de rua nem pensar, não como existia no tempo do governo de Fulgêncio Batista, nós andamos em tudo, andei livremente sem problemas, todos tinham plena liberdade de andar, se locomover, ninguém molestou ninguém, só teve uma vez que a gente foi chamado a atenção, no microfone falaram para a gente comparecer na portaria, foi em uma loja que a gente entrou, um rapaz foi comprar, pensava que era livre, a gente não sabia que era racionado, entramos na loja, eu até tive essa camisa muito tempo, que eu comprei um pano para fazê-la, então entramos na loja e iniciei, pensei: vamos comprar uns presentes para a gente levar. Eu e o Jornalista de João Goulart entramos lá, cheguei, separei, uma pessoa me despachou, eu tinha pedido 3 cores de pano para fazer a camisa, perguntei ao rapaz quantos metros são para fazer e perguntou se era para fazer camisa de mangas compridas, eu disse é, aí, quando tava certo para comprar, fomos chamados para ir à gerência, e o gerente disse: "o senhor pode comprar somente um metro para uma camisa de cor, são 3 cores". Ele limitou o que a gente ia comprar, ele disse que lá tudo estava racionado, compramos e fomos embora.

Andando nas ruas não achei nenhum mendigo, nenhuma prostituta se oferecendo, esse companheiro arrumou uma namorada em Cuba, elas só viviam atrás desse cara, o cara bonitão, novo, para todo canto os caras tavam querendo ir com ele, então, o cara meio chateado, um cubano que era homossexual assumido, mas não era

perseguido lá em Cuba, nesse tempo não era tão escandaloso.

Mas o que impressionou muito a gente foram essas mulheres que, nesse tempo, já estavam no comitê de defesa da revolução, isso foi organizado depois que os Americanos tiraram o negócio de lá, tudo era organizado por Quarteirão, cada Quarteirão tinha um grupo Armado. O comitê das mulheres funcionava, era organizado, em todo quarteirão da cidade de Havana tinha um comitê em defesa da revolução, uma espécie de ponto, tinha tudo armado, a quantidade de pessoas para defender com fuzil, com comando em cada quarteirão, e o comando dessas mulheres. Então, um dia, parece que almoçamos até com elas, era um convento de freiras e tinha 19 mulheres e a gente conversava muito, teve um momento que perguntamos a elas se estavam realmente satisfeitas, conscientes, se não havia nenhuma reclamação para fazer de ninguém. "Não vai publicar esse negócio, é só para a gente saber". Então, disse: "não, a gente não tem, a gente aceita, nós éramos prostitutas, vivíamos na lama e hoje temos liberdade, e essas 19 mulheres, havia uma tratorista, havia agricultora, aviadora, tinham profissões formadas, enfermeiras e até médicas, eram 19, em um bairro lá de Havana, todas moravam em um convento e naturalmente faziam reuniões com a população, não cheguei a participar de nenhuma reunião do comitê das mulheres com o povo. Às vezes, o pessoal aglomerado fazia perguntas como era a situação no Brasil, sobre as ligas, reforma agrária, eu fui convidado pelo Ministro da

Reforma Agrária de Cuba, não lembro como era o nome dele.

Eu fui a várias granjas de criações de porcos, eram porcos, grandes, pareciam uns garrotes, a produção era imensa, todas as granjas tinham criações de porcos, negócio tudo limpo e aqui no Brasil agora, é que tem isso. Antes os porcos no norte eram criados na lama, lá não, era no seco, bem higienizado, eram tantos porcos que às vezes nasciam centenas por dia, a produção era imensa, várias granjas e chiqueiros. Tinha outra coisa lá, o preso era educado para se recuperar fazendo limpezas públicas, essas granjas eram todas entregues aos presídios, eles cuidavam de tudo, eu não visitei nenhum presídio, mas esses povos que a gente visitava eram condenados, cumprindo pena.

A viagem já estava completando 30 dias. Nas vésperas, 3 dias antes, começaram a vir só as festas de despedidas nos salões dos hotéis. Nesses hotéis havia 18 salões enormes e tudo era só para jogos e danças, boates, nessa época ainda não tinha jogo, parece que tem uma loteria só por ano, parece que era só salão de dança. Nas vésperas da viagem, os 18 salões funcionavam, aquelas delegações eram separadas e em uma dessas era tradição os casais fazerem despedidas, eles disseram que iam se casar, então eu participei desse salão. É o seguinte, aquela rumba surgiu, quando eu entrei fui chamado para dançar com uma cubana, essa moça já tinha se casado e estava em lua de mel, e então, dançando, houve uma paradinha e o noivo disse: "aproveita companheiro to que daqui a uma hora eu não quero nenhum penetra

espiondo nem pelo buraco da fechadura". Isso era uma tradição e se fazia isso antes da lua de mel, antes se fazia festa também de despedida, nesse tempo era a lua de mel do casal.

O país tinha o apoio de outros países, mas o Amir era mais da União Soviética, nas ruas tinham algumas bandeiras da URSS, em Cuba tinha mais retratos de Fidel Castro, por toda parte, de Lênin e de Stalin não, Zé Martin foi o líder da libertação da colônia, a estátua dele por todo canto. Não lembro de ter ido em Museus, fui em Ministérios, salão de reuniões. Cuba é um país lindo, eu fui a dezenas de banhos nas praias, onde tinha praias nós íamos. Havia uma praia que eu nunca vi igual, a água parecia ouro, cristal, areia, era uma beleza, não tinham aquelas ondas, não vi nenhuma praia com onda forte, eram só aquelas águas calmas, os extremistas dizem que Fidel dava ordens até às águas. Outra coisa que não vi foram coqueiros, eu não vi coqueiros em canto algum, dava para ir andando do Hotel para a praia, os hotéis sempre eram na beira da praia, mas, a gente fez muita visita à praia também de ônibus. Nesse tempo já tinha esses ônibus de 1º andar, tinha transporte coletivo e as praias bonitas em dia de folga tinha muita gente, eu era turista, ia qualquer dia, não pagava nada para entrar. Tinha uma praia que era particular no tempo de Fugêncio Batista. O cara que comprava a área, aquele pedaço de praia, não deixava ninguém entrar, só a Família, era um absurdo, a gente viu, visitou. O guia ficava à disposição da delegação Brasileira e, às vezes, era mais de um, para onde queríamos ir eles nos orientavam, uma era a

praia Central, que serviu de visita porque justamente essa praia era só para Americanos e Cubanos antes da Revolução, era área de maior destaque.

Os mocambos lá parecem que se chamam boio, algo assim, faziam demonstração de mocambos miseráveis, os povos antes da Revolução, no tempo de Fugêncio Batista, era uma miséria de mocambos de palhas e naquele tempo então, fazia demonstração e hoje os cubanos têm casa para morar, têm de tudo, não tem favela, não tem casa de palha, mas naquele tempo de 1963 e 1964, eles mostraram o que era a moradia do povo, é possível que ainda tenha, mas não existia, mas todo morador morava em casas dignas. Tinha vila, todo o povo, os mocambos, assim como museus, só para as pessoas verem como era antes da Revolução, isso era mostrado à gente, as delegações que iam nas ruas, o pessoal em Cuba, por exemplo, era proibido comprar bebidas alcoólicas, nessa época era proibido vender negócio de retalho, mas podia comprar garrafa, e nessa época então, nesse carnaval, foi uma movimentação, tudo de graça nas ruas, então passamos o carnaval, mês de Santana, que era Julho, o carnaval lá era nesse tempo em Cuba, muita dança nas ruas, não tinha desfile, não lembro de ver isso, era só carnaval de rua mesmo, muita música, carros de som em plena rua de movimento, muita gente, movimento, distribuição de propaganda, das produções de cana-de-açúcar, de raspadura, era interessante, tudo se fabricava da cana, distribuíam no carnaval bebidas de produção na rua, não via desfile assim de escola de samba não, o resto foi só preparar para viagem de volta e o que marcou muito fo-

ram as conferências, as palestras, movimento de tribunal funcionar, as legendas nas ruas, tinha bairro, ruas, casas, lotes, tudo era de estudante, bairro de becado (bolsista) da universidade, gente de todo mundo, de todo canto, da África, da América Latina, no mais fomos preparar para voltar, eram muitas coisas, mas o principal eu acredito que já falei.

À volta, os preparativos, foram muitas festas no dia, no hotel, as homenagens, os agradecimentos.

A viagem de volta - Cuba / Brasil

A volta deu muita perturbação nas pessoas de nossa delegação, porque veio por uma rota diferente, passamos 2 horas, 24 mil pés, que pareciam uma noite, passamos por imediações dos triângulos das Bermudas, desaparecem navios nesses lados, não sei bem, e a rota, o voo, só tinha uma parada em Barbados, direto para o Rio, Galeão. Desembarquei e cada um seguiu direto para o seu destino, tomei outro avião para o Recife. Agora o que surpreendeu, a volta foi terrível, chegamos no Rio de Janeiro, foi horrível porque toda a delegação tinha que passar pela alfândega que examinou a bagagem, a polícia deu uma vistoria geral em todo mundo, no Rio de Janeiro estava a maior agitação, no dia do negócio dos marinheiros do cabo Anselmo, parece que não foi cabo Anselmo quem matou João Pedra, um marinheiro que era do movimento, mas foi o bandido que matou

e escandalizou, tava lá uma onda de greve, era um dia 13, sexta-feira, para quem é supersticioso, sexta-feira 13, para nossa perdição foi uma lástima essa viagem. Saí do Rio de Janeiro, a nossa delegação de volta para o Nordeste, Recife. Imagine que o avião, quando chegou no aeroporto, Vitória-ES, parou demais. Era uma desgraça. No aeroporto, houve uma pane, demorou mais de 2 horas para ajeitar o avião, todos reclamando, depois tentou sair, não teve jeito, trocaram o avião, demorou quase 4 ou 5 horas, o pessoal impaciente e muita gente que tinha dinheiro veio de ônibus, só não saí também porque estava sem dinheiro para pegar um ônibus, muita gente saiu de Vitória para outros destinos, pegamos o avião que veio para Salvador, foi outra confusão demorada, tem um ponto lá que dá muito abalo, uns pensam até que vai cair. Sei que o avião era para chegar de dia, chegou meia-noite, as famílias todas em pânico porque não tinham notícias, não se comunicaram porque atrasou. E eu que ainda ia para o João Pessoa, cheguei de madrugada. Já estava morando em João Pessoa, em Cruz da Almas, ainda lembro como se fosse hoje, peguei um táxi, não arrumei ninguém para vir, só era eu mesmo, paguei para esse motorista me deixar no hotel, pois era muito tarde em João Pessoa. Mas estava a maior agonia do mundo em Recife, o povo sem comunicação, só sabia dizer que estava chegando. Mas teve o problema da alfândega, eu fiquei por último, ninguém me amolou, eu passei tranquilamente com a mala cheia de livros, se fossem os outros, tinham tomado tudinho. Como talvez já estavam

cansados de olhar, eu passei e trouxe as coisas, livros com as citações de Mau TseTung e outros livros, trouxe muitos livros que eu recebi da Embaixada de Cuba.

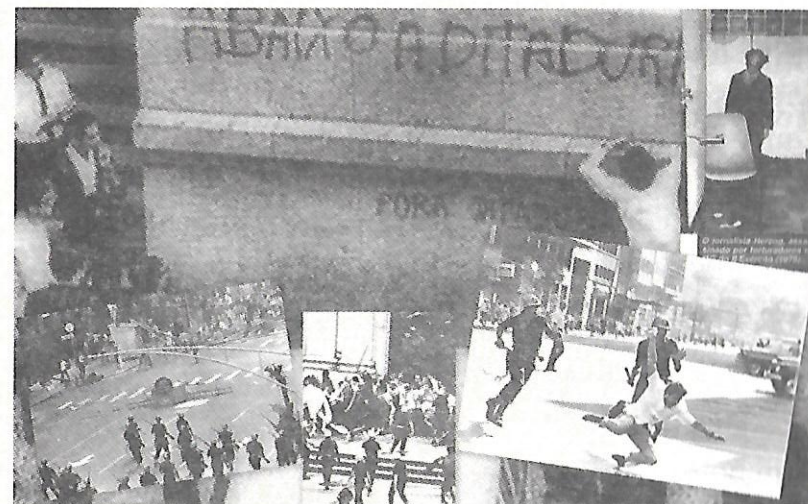
Golpe Militar de 1964

Era o mês de março de 1964. Cheguei numa fabriqueta que eu tinha de confecção com a minha esposa, o exército foi lá, e já tinha ido nas ligas camponesas de Santa Rita, e levaram todos os documentos, e o interessante foi que assim que eu fui a santa Rita para ver as coisas da Liga, o exército e a polícia já tinham invadido. Cheguei na rodoviária, minha esposa estava, Tereza. Antes, eles chegaram lá e eu não estava, e mandaram minha esposa abrir o cofre e roubaram meus documentos todinhos da gaveta, todos os documentos, inclusive tinha uma carta convite para eu passar 60 dias na Alemanha. Um cidadão jornalista veio com a esposa, ficaram hospedados na nossa casa.

A primeira prisão durante o golpe militar de 1964, fiquei preso em torno de 90 dias, todo mundo saía para depor na polícia, no processo, então eu conheci um delegado, apresentado por uma advogada nova, ela tinha começado a ajudar a liga há pouco tempo, e essa mulher conhecia o delegado. No período dessa prisão, eram muitos presos, todo mundo saía, era humilhado, às vezes ficavam dias e noites, tomavam surras, os que voltavam, chegavam muito sofridos, vários não voltavam, muito terror, não se tinham notícias do que aconte-

tecia, eu fui a última pessoa a sair, e quando eu fui não era nem o exército e nem a polícia que estava tomando conta, era um delegado de Campina Grande que estava assumindo esse controle. Cheguei lá e foi ele quem fez a transferência, a prisão era no quartel do quinze RI, e no caminho ele conversou comigo, falava o tempo todo, que era amigo de fulano e de sicrano, eu fiquei até meio desconfiado, sem responder, e ele disse, vou jantar e daqui a uma hora volto para lhe ouvir, o senhor vai ficar na permanência, e me mandou subir uma escada e nem subiu comigo, e quando cheguei, encontrei Belmon, que era um bandido, deu uma "esculhambação" em mim, só faltou me bater, me ameaçou. Depois, o homem me devolveu para o "Quinze" novamente, fui tomar essa surra lá, então, me devolveu para a delegacia, até o pessoal ficou espantado porque todo mundo tinha passado dias, e eu tive esse privilégio de voltar logo, o pessoal pensou até que eu tinha feito acordo com algum bandido, mas não, eu fui para lá e foi o próprio delegado que me levou de volta. Eu fui solto condicionalmente, tinha que responder ao inquérito em liberdade, passei bem uns 90 dias respondendo esse inquérito, era eu e o ex-prefeito da cidade de Santa Rita, Teixeira, eu ia um dia, ele ia outro, era no Exército, o coronel responsável era muito gente fina. Uma das vezes até ele me chamou, já no fim, em particular, eu vi um mosquetão na parede e ele perguntou se eu sabia atirar, eu disse: "sei coronel, eu sei usar uma metralhadora, eu sei usar isso, sei usar um fuzil, eu servi na guerra", e ele disse, "não é por nada não, é porque eu botei um vigia para ajudar e proteger

Elizabete, dois vigias, de duas em duas horas, faz essa segurança com esse mosquetão". Após essa jornada de mais de 90 dias indo dia sim, dia não, responder o tal inquérito que nunca acabava, fui para Fortaleza, fiquei lá e fui até Natal, eu conhecia um homem crente que era meu cliente, tinha duas lojas, tinha também em Natal, eu peguei uma carona com ele, isso na primeira vez, fiquei um dia lá em Natal e depois ele arrumou um carro de um conhecido dele para ir para Fortaleza com ele. Cheguei lá e fiquei um tempo, e esse rapaz que me levou para Fortaleza, era amigo de uma camarada que trabalhava na "Jhonson&Jhonson", e era da família de um pessoal do Exército, esse camarada era inspetor dessa empresa e arrumou essa casa.



1964 - Golpe Militar

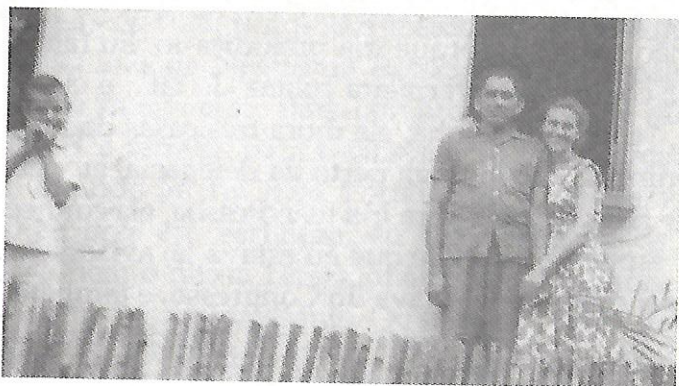
Fiquei muitos meses escondido na casa do meu cunhado, Nequinho, a casa era comandada por minha cunhada, Rita, ficava a uns 50 metros do muro do quartel do Exército, na av. Epitácio Pessoa. Eu acho que me escondi mais ou menos uns seis meses, eu saía escondido com as filhas de Nequinho, principalmente a Maria da Penha, a mais velha, para comprar remédio e até a ir com toda a família para o cinema, eu ia disfarçado. Depois, quando eu fui para Fortaleza a primeira vez, quando eu tava em Fortaleza, eu ligava sempre de lá, não usava nem o nome Tereza, mas ela tava sempre lá. Tem até uma coisa interessante. Quando eu estava preso no quartel do 15º Regimento de Infantaria, começaram a levar o povo para a ilha de Fernando de Noronha, ou para outros lugares. Levaram muitas pessoas, mas todas as vezes eu sobrava. Me tiraram e me entregaram a Luis de Barros: umas 4 da tarde, ele parou em Santa Rita, muita gente conhecida me viu, gente até que foi lá me visitar. Aí eu fiquei em Sapé. Quando chega em Sapé, umas 5 para 6 horas, o delegado tinha saído por um instante, e quem estava respondendo era o cabo, que era o cara que comunicava, chamado cabo Jaime. E me colocaram e disseram: "esse preso está aqui à disposição do Exército, ninguém mexe nele, só bota ele nesse xadrez". Mandou desocupar, tirou um preso que estava lá, para ficar somente eu nesse xadrez. Quando era de madrugada, chegou um cara bandido, era um soldado, filho de um homem que era da polícia civil, era um bandido que espancava gente, e fazia até execução.

Quando foi de noite, umas 8 horas, ele me perguntou de onde eu era e como era meu nome, eu disse. Ele

perguntou: "o que é que você está precisando, quer que eu mande comprar um cigarro, quer lanche?" E eu disse: "o que queria você não podia me dar", e ele respondeu: "diga o quê, se você não tem dinheiro eu compro," e eu disse que queria a liberdade, e mesmo que ele me desse eu não aceitaria porque iria prejudicá-lo. Eu falei, "o senhor conhece a enfermeira fulana de tal", e ele respondeu, "é minha vizinha, ela mora três casas daqui depois da minha". Ele morava perto da delegacia, eu pedi para ele ir falar com ela para ir a João Pessoa, ela conhecia minha esposa, e avisasse que eu estava lá, avisasse porque minha esposa telefonava do Congresso, e também foi ao Exército, para falar com o coronel. Já fazia vinte dias que estava em Sapé. E no outro dia ele me mudou de cela e foi lá, mandaram comida e duas redes.

Quando fui transferido para Recife, fui torturado miseravelmente. Uma vez, depois de me espancaram à tarde todinha, me colocaram no xadrez, de dez horas da noite até de manhã cedo, com a luz de mil velas na cabeça, porque eu não assinava, eu não sou besta, eles faziam o processo, e nas perguntas e respostas ele dizia para eu assinar, eu falava que não assinava, e o interrogador perguntava porque eu não assinava, e eu dizia que só tinha uma assinatura minha lá, uma que era de um curso que fizeram para passar 40 dias em um sítio que eu não sabia onde era, muita gente lá, para estudar o marxismo, e depois ia para a Rússia e passava dois anos lá, podia levar a família. Eu fui preso aqui na Paraíba e me levaram para Recife, e eu passei 60 a 70 dias, de um lugar para outro, me levaram o primeiro dia para a companhia de guarda, e eu fiquei bem uns 15 dias, apenas sentado, para dormir

em um banco estreito de cimento, sem nada forrado, as paredes todas picotadas, tinha mosquito que dava aos montes, amanhecia o dia todo no sangue, porque me movimentava e batia na parede.



Dantas e Tereza na frente da primeira casa, adquirida em João Pessoa - PB - final da década de 1960 ou início de 1970.



Isac, filho de Elizabete e Pedro Teixeira, Penha, Rita, Tereza, Dantas, Walter, Walmir. Carlos, filho de neguinho, e Vladimir



Aniversário de Vladimir (1960)

Eu estava preso no quartel uma vez, e depois de 90 dias me botaram no xadrez isolado, tava até Nego Fuba, que era de Sapé, enfermeiro, tiraram ele de lá, foi solto; e eu o aconselhei, não vá para Sapé, e ele teimou e foi. Chegando em Sapé foi andar de bicicleta, foi preso em frente à igreja, e voltou para o "15" e lá soltaram ele e outro preso, disseram que ele estava liberado, soltaram os dois. Mas era mentira, e quando ele saiu do "15" já estava a polícia para pegar ele de novo, e com dois dias depois apareceu o cadáver na estrada, de todos dois, do nego Fuba e o outro, esse até passou 90 dias na China.

Principalmente de 1964 a 1979, a ditadura manteve as prisões, a repressão, a tortura e assassinos, sempre muito presentes a cada minuto da vida de seus opositores e, principalmente, para os comunistas. Passei meses sem ser preso, me escondendo em vários endereços no Nordeste, até que fui preso dentro da nossa fabriqueta, na antiga rodoviária de João Pessoa, o Exército cercou tudo é me prendeu. Foram vários meses de prisão, de-

zenas de delegacias, quartéis, torturas e ameaças, e incertezas pelas nossas vidas. Nas prisões, praticamente, o ritual era o mesmo para todos os detidos: prestavam depoimentos, respondiam aos inquéritos nos quais haviam sido indiciados, o emprego da violência e da tortura para a obtenção de depoimentos e outras informações era frequentemente utilizado. Interrogatórios repetidos ao longo de noites seguidas ou a submissão do preso a uma luz extremamente forte no rosto, banhos de águas frias, tudo impedindo-o de dormir e, desta forma, minando sua capacidade de resistência; ameaças de espancamento, que em grande número das vezes se concretizavam, éramos obrigados a assistir à tortura de um companheiro no pau-de-arara, sob a ameaça de que seria o próximo. Era também prática comum destruir ou roubar os documentos e os pertences dos presos políticos. Uma vez me colocaram no xadrez, passei de seis horas da noite até 8 horas da manhã seguinte, sendo torturado para falar. Como nada conseguiram, me jogaram sem roupas, jogaram água gelada em uma cela e colocaram uma lâmpada de "1000 velas" acesa, quase que eu morro. Dois relatos quero fazer. Em centenas de fatos, momentos e ações, tenho para mim que esses dois foram talvez os mais determinantes para que eu não tenha sido assassinado pelos militares, como aconteceu com Nego Fuba e tantos outros. Foi luta incansável de Tereza Alves Dantas, minha querida esposa, que percorria todas as delegacias e quartéis onde me levavam de forma cotidiana, e sem deixar um dia sequer de estar cobrando minha liberdade nas portas desses cárceres, os carrascos se incomodavam

com a presença provocante, pelas cobranças que fazia com veemência, daquela mulher humilde, magrinha mas determinada a falar, a gritar: "soltem meu marido, ele é pai de três filhos menores", como ela chegou a gritar e debater com vários atendentes de prisões. E na sua saga incansável e desesperada de buscar apoio de todos, conseguiu um fundamental apoio de seu irmão, neguinho, e da sua irmã Rita. Fiquei vários meses na Casa de neguinho, que tinha como governança sua irmã, Rita, residência que ficava a menos de 200 metros do quartel do Exército, o Grupamento de Engenharia, na Av. Epitácio pessoa, ainda hoje uma das mais elitizadas e importantes avenidas de João pessoa.

NOTA: Do período pré e pós-golpe militar 1963/1964 até a redemocratização em 1985, pela vastidão dos depoimentos de Antônio José Dantas, da complexidade dos fatos e do período, optamos para o estudo de um futuro livro mais específico deste período, fazendo neste, apenas uma rápida abordagem.

Capítulo 8

Depoimentos

Célia Amador Dos Santos

Homem guerreiro, de fé e de muita coragem, daqueles que não fogem à luta como todo Paraibano. Influenciou muito a minha vida com seus conhecimentos políticos, com sua história de vida. Agradeço a ti meu amigo e muito me honra ter participado da sua vida como sua nora e por você ser o avô dos meus filhos. Felicidades, Sr. Dantas.

Fábia de Assis Dantas

Voinho Dantas, como carinhosamente sempre lhe chamei, quero lhe dizer que há três coisas que perduram na vida: A fé, a Esperança e o Amor.

E a maior delas é o Amor. Amor que sempre dedicou a mim e a meus filhos, Ângelo e Tereza Maria.

Voinho, o senhor é a última referência viva no alicerce de minha família. O considero como pai e tenho certeza que me considera como filha.

Obrigada pela forma carinhosa como sempre me trata, amigo de fé, meu irmão camarada.

Família Galdino

Antônio José Dantas, um verdadeiro exemplo de batalhador, de guerreiro. Sentar ao lado do nosso tio é ter a certeza de que vamos ouvir exemplos de vida, histórias emocionantes e surpreendentes; e foi assim desde sempre.

Para nós, sobrinhos e sobrinhas, é um extremo prazer poder expor aqui parte do que sentimos por ele; e eu creio que, se suas irmãs, Joana Dantas e Rosa Dantas, estão presentes de alguma forma aqui entre nós, também estarão querendo dizer o mesmo ou ainda mais.

Lenine Caetano Dantas, Roselma e Vinícius

Seu Dantas, sinônimo de dedicação, perseverança, resistência e de amor ao próximo. Um homem que sempre sonhou e lutou pelo mundo melhor e que nunca abriu mãos de seus princípios, mesmo as consequências sendo dolorosas. Parabéns vô, o senhor é uma inspiração para toda a família, este livro é pequeno para demonstrar a sua grandeza e tamanho da sua contribuição para esse país. Te amamos.

Maria da Conceição Brito Dantas

Quando me pediram para falar algo sobre Antônio Dantas, ou melhor, Seu Dantas, era assim que todos o conheciam, senti-me honrada em dizer essas palavras a respeito daquele que mais vendia jornal da classe operária. O comunista, das Ligas Camponesas, homem de

tantas histórias, uma enciclopédia das lutas revolucionárias, mas isto tudo será lido neste livro e em outros que vierem. O que eu poderia falar de Seu Dantas que expressasse todo o orgulho e respeito que tenho por esta pessoa: primeiro, sinto-me lisonjeada por ter dois filhos que se orgulham de tê-lo como avô, pai da pessoa com quem compartilho minha vida há mais de vinte e três anos. E em segundo lugar nada melhor que citar uma frase do grande revolucionário Che Guevara, "O verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de generosidade; é impossível imaginar um revolucionário autêntico sem esta qualidade". Eu tenho certeza que se ele tivesse convivido com Seu Dantas, era assim que ele o descreveria.

Maria José (Deda)

Falar de Seu Dantas é motivo de orgulho, uma pessoa que acredita e nos faz acreditar que pode existir um mundo melhor. Deus quando mandou-lhe a este mundo foi com o objetivo de fazer uma linda história, obrigado por me permitir fazer parte desta história.

Ricardo Augusto Brito Dantas

Poço de história e conhecimento, Antônio Dantas é a história viva do Brasil nos últimos anos. Uma conversa com meu avô é uma viagem a tempos passados e uma jornada de compreensão da história de militante político, da qual tão viva existem poucas no mundo. É uma honra poder em um pequeno texto tentar fazer uma homenagem a esse grande homem.

Tereza Maria de Assis Dantas

Tenho maior orgulho de ter como avô, uma pessoa batalhadora, que sempre lutou pelos seus ideais e nos ensinou através das suas histórias, que para vencer tem que lutar.

Obrigada voinho, pelas lições passadas em mim, por ser referência em minha vida e pelo amor que sempre dedicou à nossa família.

Tereza Emilia Brito Dantas

Antônio José Dantas... Símbolo de força, coragem e determinação, que mesmo diante de tantas dificuldades, nunca desistiu de lutar por seus princípios em busca de um mundo melhor para todos nós. Sua história de luta em meio a tantos obstáculos o torna um grande homem, um verdadeiro exemplo a ser seguido. Parabéns vô, por sua fascinante história e muito obrigada por nos proporcionar tantas lições que nós levaremos ao longo de nossas vidas. Sentimos muito orgulho de tê-lo como o grande patriarca da família Dantas.

Tereza Alice Alves Dantas

O que mais me impressiona em meu pai é que todos os dias ele desperta sempre com esperanças renovadas, cheio de otimismo e pensando algo novo e melhor. Não desistir jamais essa é a maior lição que meu pai me ensinou e amar a todos acreditando que só existe o lado bom das pessoas.

Venusto Santos Dantas

Enfim, encontrei uma palavra que representa muito do que meu avô plantou dentro de mim com o seu exemplo de vida: Perseverar. Perseverar significa Persistir, continuar firme e constante em um sentimento, uma resolução. Hoje, muito graças a você tenho isso como foco, perseverar, não desistir jamais... Antônio, obrigado pelos momentos em que pude compartilhar da sua sabedoria e dos momentos em que pude conhecer um pouco da sua história, você é meu ídolo.

Verinaldo Dantas

Tio Dantas é mais que um tio, é um pai e amigo, um homem com quem aprendemos a amar, por seus valores, simplicidade, corajoso, com um olhar sempre para o outro. Sua sensibilidade com os problemas alheios, sua consciência cívica e sua incansável luta em querer mudar o mundo para melhor são exemplos, marcaram e influenciaram minha vida, desde minha adolescência, quando me acolheste em teu lar, me presenteando com carinho e paciência de Pai. Te amo, querido TIO. O mundo só não é melhor, porque és um. Orgulho-me de ser teu sobrinho.

Vinícius Rebeke

Olhai em tua volta e verás o quanto és especial e importante, meu avó, uma pessoa de um valor inestimável, por tudo que tens feito com tua história de vida é de

suma importância e aprendizado a todos nos familiares que estamos presentes, saúde, sucesso e um forte abraço do seu neto.

Vladimir Santos Dantas

Difícil sintetizar em poucas palavras uma homenagem a alguém especial, mas reconheço em meu avô, com certeza, características marcantes, como de personalidades da história da humanidade, pois deixa em sua história um legado de ensinamentos morais, de honra e de amor ao próximo, demonstrados muitas vezes com atitudes simples de ajuda aos necessitados e muitas vezes com atitudes de bravura e coragem em busca de uma sociedade mais justa para a humanidade. Vovô estou muito feliz por participar desse momento especial da família Dantas, mais feliz ainda por esta oportunidade ímpar de estarmos todos juntos, Patriarca, filhos, netos, bisnetos, familiares e amigos, para comemorarmos o lançamento desse livro que conta a história incrível da sua vida. Glorifico e dou graças a Deus pela sua existência e pela existência da família Dantas. Deus o abençoe vovô querido. Beijos do seu neto Vladimir, Gessilene e suas netas Gabriella e Giovanna.

Vladycelia S. Dantas

Meu avô é um guerreiro idealista! Ele não desiste nunca, está sempre com novas ideias, novos objetivos, um novo sopro de vida. É um jovem de 92 anos, que nos passa a seguinte mensagem: viva intensamente, tenha

sempre objetivos nobres e lute pelo que você acredita. Muito obrigada vovô por este exemplo de vida!

Walmir Alves Dantas e Diogo Dantas

Antonio José Dantas, meu pai, um militante que acreditava em mudar a história política do nosso país. Acreditamos e creio eu que sua parte ele fez e contribuiu, para termos uma sociedade mais igualitária e com um processo democrático em permanente efervescência. Portanto tenho muito orgulho do meu Pai amado e querido por todos, e aproveito a oportunidade para lembrar uma frase de Charles Chaplin, que Dona Tereza Dantas gostava e que reflete a história de vida de ambos: "Tudo que se faz na vida, com amor, carinho, fé, determinação, garra e humildade virá SUCESSO". É exatamente que você é meu pai SUCESSO!

Walmir rebeke de Almeida Dantas

Seu Dantas, sem dúvidas, você é uma pessoa ímpar com um exemplo de vida e dedicação às causas das ligas camponesas e aos trabalhadores que foram oprimidos em nosso País na época da ditadura, foi por sua luta que tivemos a visão de um País mais justo com os trabalhadores. Sua dedicação e luta fazem parte da nossa história de vida, dos amigos e familiares, particularmente para mim, pois, todas essas andanças e passeios juntos, fez aumentar mais e mais em mim a verdadeira lição de vida que o senhor tem passado para nós, não desistir nunca dos nossos sonhos.

Walter Oliveira Dantas

Meu pai é um referencial. Para muitos, esse referencial foca na sua histórica participação nas lutas em defesa das causas maiores da população brasileira. Rememoram o ativista das campanhas, da participação partidária, dos movimentos sociais, como as ligas camponesas. Homenageiam o herói sobrevivente entre tantos.

Yuri Rebeke

Antonio José Dantas, voinho, como carinhosamente chamo, militante que durante uma trajetória de muitas lutas e conquistas sempre buscou contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e coerente. Tenho muito orgulho do senhor voinho, pessoa que sempre buscou os seus ideais de forma objetiva, fico muito feliz em poder participar deste momento que certamente celebra uma trajetória repleta de querência e dedicação. Forte abraço a esse guerreiro.